

OXIGÊNIO

MARÇO 2025

O

NÚMERO 67



IOLE DE FREITAS
A POÉTICA DO AR

EDITORIAL

SOPRO DE MAGIA

A nova exposição de Iole de Freitas, como um sopro, preenche vários espaços do Paço Imperial, no centro do Rio de Janeiro. A atmosfera é de surpresa e encantamento: trabalhos inéditos da artista incorporam o ar como matéria e espalham-se pelas paredes e pelo chão.

Pela primeira vez, ao longo de uma trajetória de mais de 50 anos, Iole apresenta esculturas em papel glassine, “*Mantos*”, que impressionam logo à primeira vista. Originalmente usado para embalar obras de arte, nas mãos da artista o papel ganha vida, modelado, preenchido com ar, esculpido. Majestosas, as esculturas exibem dobras, arestas e vincos, em obras que chegam a quase quatro metros.

“*Gosto de deslocar a funcionalidade das coisas, subvertendo-as: tomo a capa da coisa e faço dela substância da forma*”, afirma a artista. Segundo o poeta Eucanaã Ferraz, curador da exposição, “*Iole testa em cada obra as verdades físicas de seu corpo e do material que utiliza*”.

A mostra se completa com seis esculturas em aço inox da série “*Algás*”, também inédita, além de “*Escada*”, trabalho de 2023, que ganha nova montagem no Paço Imperial.

Iole e Eucanaã conversaram com a Oxigênio sobre o processo criativo de *Fazer o Ar*, em encontro exclusivo, durante a montagem da exposição.

Boa leitura!

Jornalista Responsável: Vera Matagueira – MTB 16.742 | Editora: Ana Ligia Petrone

Correspondente em Londres: Maria Hermínia Donato

Colaboradoras: Domi Valansi e Maurette Brandt

Capa: Iole de Freitas, *Mantos* – Exposição “*Fazer o Ar*” – Paço Imperial, Rio de Janeiro
Foto: Vicente de Mello

ÍNDICE

04	OXIGENE: Tragédia contemporânea <i>Carne Viva</i> estreia nacionalmente no Teatro SESC 24 de Maio A profundidade da alma brasileira <i>Três Mulheres Altas</i> , no Teatro Bravos, São Paulo <i>O Sonho Americano</i> Inscrições abertas para <i>Cinema Urbana – Mostra Internacional de Cinema de Arquitetura</i> – 2025
14	MATÉRIA DE CAPA: <i>Iole de Freitas – Fazer o Ar</i>
19	Entrevista exclusiva com Iole de Freitas
24	<i>Arte Subdesenvolvida</i> – O Brasil do século XX no CCBB Rio de Janeiro
30	A memória da natureza na obra de Mercedes Lachmann
36	Linguagens contemporâneas e tradição popular se encontram na Casa de Cultura do Parque, SP, em 2025
39	<i>Joana Vasconcelos: Fascinação</i> – Embaixada de Portugal no Brasil
42	<i>Finca-Pé: Estórias da Terra</i> – Mostra inédita de Antonio Obá no CCBB Rio de Janeiro
46	<i>Beleza Valente</i> no IMS Paulista – Primeira exposição individual de Zanele Muholi no Brasil
52	Dança em Trânsito 2025
55	10ª edição da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo – MITsp



Tragédia
contemporânea
CARNE VIVA
estreia
nacionalmente
no Teatro
SESC 24 de Maio

*Celebrando 20 anos
de carreira como
diretora e dramaturga,
Luh Maza encena
pela primeira vez no Brasil
o seu espetáculo
Carne Viva,
escrito aos 16 anos.
Christiane Tricerri,
Mawusi Tulani
e Tenca Silva
completam o elenco*

Inédito no Brasil (foi encenado pela primeira vez há dez anos em Portugal), o espetáculo tem sua ação centrada dentro da mente de uma personagem que é acometida por uma vertigem ao preparar um pedaço de carne para saciar a fome de seu marido. Ela se vê em Jesus Cristo – “*o Deus masculino da sociedade patriarcal*”.

Escrito em formato de fluxo de consciência, a personagem vive uma catarse, a partir do questionamento de seu passado atravessado pela violência masculina doméstica e por sua resiliência, enquanto busca algum tipo de redenção frente a uma tragédia anunciada em sua vida cotidiana. A vida ordinária experienciando o extraordinário.

A dramaturgia foi originalmente escrita em 2003 por Luh Maza, a partir de sua pesquisa sobre a mulher na história, com o recorte do papel de esposa na cultura ocidental dos séculos XVIII a XX – aprofundada pelos estudos da professora Marilyn Yalom, do Instituto para Pesquisas de Gênero da Universidade de Stanford.

“Trata-se de uma história com linguagem lírica, uma fabulação para alimentar a instância do eu lírico, essa outra pessoa, que não anuncia um discurso direto, mas convoca à alteridade com sua existência específica e, através da reflexão, permite aos espectadores fazerem suas próprias correlações, analogias e traduções para suas experiências humanas individuais”, comenta a autora.

Escrito inicialmente como monólogo, foi a partir de um acidente ocorrido durante os ensaios para a montagem portuguesa que Luh Maza decidiu multiplicar a personagem, incorporando outras duas atrizes em uma versão polifônica, adição que contribuiu para a amplificação da força do texto e da cena – cada atriz carrega em si o todo da personagem e evoca diferentes mulheridades.



Christiane Tricerri

Foto: Paulo Vainer

A ESTÉTICA

Além de assinar a direção e a dramaturgia de seus espetáculos, Luh Maza também assina os cenários num aspecto holístico de pensar a cena. Para *Carne Viva*, ela partiu de um quadro imaginário de fundo todo preto-carvão com um risco horizontal vermelho-sangue, como um corte na pele da noite que abriga tantas histórias.

Os figurinos de Telumi Hellen e Mari Novais são inspirados em trajes da Era Vitoriana, evocando a obscuridão desse período; a iluminação soturna criada por Aline Santini confere efeitos espetaculares, a partir de recursos que reportam ao mundo do pesadelo.

Sem uso de recursos de projeção, é no desenho de som de Malka Julieta que se revela boa parte dos recursos para a total imersão do espectador – o som surround, sistema que a partir de diversas caixas de som cria um ambiente imersivo com a sensação de que os sons vêm de todos os lados. A trilha-sonora é assinada pelo compositor português Bruno Campos.

SERVIÇO

Carne Viva

De 20 de março a 20 de abril

Teatro do Sesc 24 de Maio

Rua 24 de Maio, 109, República, São Paulo / SP

Dias/Horários: quintas às 19h, sextas e sábados às 20h, domingos e feriados, às 18h

Gênero: Tragédia | *Duração:* 60 minutos

Classificação: 16 anos

Ingressos: R\$ 60 (inteira), R\$ 30 (meia) e R\$ 18 (Credencial Sesc). *Vendas:* sescsp.org.br e aplicativo Credencial Sesc, a partir do dia 11; unidades do Sesc SP a partir do dia 12.



Foto: Divulgação | Grupo Editorial Edipro 2

A PROFUNDIDADE DA ALMA BRASILEIRA

*"Box Graciliano Ramos" apresenta as obras-primas
de um dos maiores autores nacionais reunidas em edição especial*

Para os amantes da boa literatura, o selo *Via Leitura*, do Grupo Editorial Edipro, reuniu em um box as obras mais marcantes de Graciliano Ramos, um dos maiores nomes da literatura nacional. Com uma escrita concisa e intensa, o autor alagoano desvela as contradições hu-

manas, as injustiças sociais e os dramas existenciais que atravessam gerações.

A coleção inclui *Vidas Secas*, uma narrativa poderosa sobre a luta pela sobrevivência no sertão; *Angústia*, um



Graciliano Ramos

Foto: Wikimedia Commons

mergulho na mente atormentada de um homem consumido por seus próprios fantasmas; *São Bernardo*, um retrato da ambição e solidão de um homem em busca de poder; e *Insônia*, uma coletânea de contos que expõe os recantos mais sombrios da alma humana.

Com edições especiais que incluem artes de Andrés Sandoval e prefácios de Micheliny Verunschik, a iniciativa é um convite para revisitá os clássicos que moldaram a literatura nacional e continuam a dialogar com o presente. Essencial para os que desejam compreender mais sobre o Brasil e a condição humana.

VIDAS SECAS

Uma família de retirantes atravessa o sertão nordestino em busca de sobrevivência e dignidade. Fabiano, Sinha

Vitória, os filhos e a cachorra Baleia enfrentam a seca, a fome e a injustiça social. Com uma prosa crua, Graciliano retrata a desumanização e a resiliência do povo sertanejo, fazendo o leitor refletir sobre desigualdades e a natureza humana.

ANGÚSTIA

O turbilhão psicológico de Luís da Silva, um homem consumido pela culpa e pela obsessão, ganha vida neste romance. Ambientado em uma Maceió sufocante, o livro expõe a alienação, os conflitos interiores e a hipocrisia social da época. Graciliano Ramos conduz o leitor a um mergulho profundo nos limites da sanidade e da solidão.

SÃO BERNARDO

Paulo Honório narra sua ascensão como dono de terras, marcada por ambição, solidão e escolhas morais questionáveis. Com uma narrativa precisa e implacável, Graciliano explora as contradições sociais e psicológicas de um Brasil em transformação, refletindo sobre o custo do progresso e o impacto das decisões humanas.

INSÔNIA

Nesta coletânea de contos, Graciliano desnuda os recantos mais sombrios da alma humana. Temas como a miséria, a violência e os dilemas morais emergem em narrativas que confrontam o leitor com o lado mais obscuro da existência. Uma leitura que une intensidade e reflexão sobre a essência da vida.

FICHA TÉCNICA

BOX Graciliano Ramos

Autor: Graciliano Ramos

Editora: Grupo Editorial Edipro

Selo: Via Leitura

Dimensões: 14.3 x 5.5 x 21.3 cm

Páginas: 656

Preço: R\$ 119,00

Onde encontrar: Amazon



Foto: Divulgação

Escrita por Edward Albee (1928-2016) no início da década de 90, “Três Mulheres Altas” logo se tornou um clássico da dramaturgia contemporânea. Perversamente engraçada, a peça recebeu o Prêmio Pulitzer e ganhou bem-sucedidas montagens pelo mundo, ao trazer o embate de três mulheres em diferentes fases da vida: juventude, maturidade e velhice. Após passar

TRÊS MULHERES ALTAS, no Teatro Bravos, São Paulo

Suely Franco/Ana Rosa, Deborah Evelyn e Nathalia Dill estrelam a montagem que já passou por sete cidades, acumulou indicações a prêmios e teve mais de 50 mil espectadores na plateia. Dirigida por Fernando Philbert, a peça – que rendeu o Prêmio Pulitzer ao autor Edward Albee – traz comédia mordaz que reflete sobre a passagem do tempo através do acerto de contas entre três gerações

por sete cidades e ter mais de 50 mil espectadores na plateia, a peça retorna a São Paulo, a partir de 7 de março, agora no Teatro Bravos, e conta com intérprete de libras em todas as apresentações.

Dirigida por Fernando Philbert, a nova versão traz no elenco Suely Franco, Deborah Evelyn e Nathalia Dill, tem tradução de Gustavo Pinheiro e produção da WB Produções, de Bruna Dornellas e Wesley Telles. O espetáculo é apresentado pela Bradesco Seguros, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura. A partir de 4 de abril, Ana Rosa substitui Suely Franco no elenco até o final da temporada, em 11 de maio.

Em cena, as atrizes interpretam três mulheres, batizadas pelo autor apenas pelas letras A, B e C. A mais velha (Suely Franco/Ana Rosa), que já passou dos 90,

está doente e embaralha memórias e acontecimentos, enquanto repassa a sua vida para a personagem *B* (Deborah Evelyn), apresentada como uma espécie de cuidadora ou dama de companhia. A mais jovem, *C* (Nathalia Dill), é uma advogada responsável por administrar os bens e recursos da idosa, que não consegue mais lidar com as questões financeiras e burocráticas.

Entre os muitos embates travados pelas três, a passagem do tempo (e a forma como lidamos com o envelhecimento) é a grande protagonista. “*O texto do Albee nos faz refletir sobre ‘qual é a melhor fase da vida?’, além de questões sobre o olhar da juventude para a velhice, sobre a pessoa de 50 anos que também já acha que sabe tudo e, fundamentalmente, sobre o que nós fazemos com o tempo que nos resta. Apesar dos temas profundos, a peça é uma comédia em que rimos de nós mesmos*”, analisa o diretor Fernando Philbert.

A primeira, e até então a única encenação do texto no Brasil, aconteceu logo após sua estreia em Nova York, em 1994. Philbert e as atrizes da atual montagem acreditam que a nova versão traz uma visão atualizada, com todas as mudanças comportamentais e políticas que aconteceram no mundo desde então, especialmente nas questões femininas, presentes durante os dois atos da peça. Sexo, casamento, desejo, pressões e machismo são temas que aparecem nos diálogos e comprovam a extrema atualidade do texto de Albee.

A TRAJETÓRIA DE UM CLÁSSICO INSTANTÂNEO

Escrita em 1991 e lançada em 1994, “*Três Mulheres Altas*” representou uma virada na trajetória de Edward Albee, que recebeu as suas melhores críticas e viu renascer o interesse por sua obra. Aos 60 anos, ele ganhou o terceiro Prêmio Pulitzer, além de dois Tony Awards e uma série de outros troféus em premiações mundo afora.

A peça tem características autobiográficas e foi escrita pouquíssimo tempo depois da morte da mãe adotiva do autor, que teria inspirado a personagem mais velha. Após abandoná-la aos 18 anos, Albee voltou a ter contato com a mãe em seus últimos dias. O texto traz o olhar mordaz e perverso – por que não dizer cômico – de Albee para a classe média alta americana e toda a sua hipocrisia, ao falar sobre status, sucesso, sexo e abordar a visão preconceituosa da sociedade e as relações que as três mulheres travam com o mundo, sempre atravessadas pelo filtro machista.

“*Três Mulheres Altas*” estreou na Broadway em 1994, no Vineyard Theatre, e no mesmo ano chegou ao West End, em Londres, no Wyndham’s Theatre, além de iniciar uma turnê pelos Estados Unidos com a montagem americana e render versões na Espanha (“*Tres mujeres altas*”) e Portugal. Em 2018, o texto foi remontado na Broadway, com direção de Joe Mantello (“*Wicked*”, “*Take me out*”, “*Assassins*”) e estrelado por Glenda Jackson, Laurie Metcalf e Alison Pill. No Brasil, a peça foi dirigida por José Possi Neto, em 1995, e recebeu os prêmios APCA e Mambembe de Melhor Espetáculo.

SERVIÇO

Três Mulheres Altas

7 de março a 11 de maio

Teatro Bravos

Rua Coropé, 88, Pinheiros, São Paulo / SP

Dias/Horários: quinta a sábado às 20h; domingo às 17h

Vendas online: www.sympla.com.br (site ou app)

Vendas presenciais: Bilheteria do Teatro Bravos, de terça à domingo das 13h às 19h ou até o início do último espetáculo.

Mais informações: (11) 99008-4859

Gênero: Comédia Dramática

Duração: 100 minutos

Classificação Indicativa: 12 anos

Acessibilidade: O teatro possui acessibilidade para PCD

O SONHO AMERICANO



Foto: Lavinia Fernandes

*Cia Teatro dos Ventos reflete sobre o crescimento da extrema-direita no Brasil.
Luiz Carlos Checchia assina texto e direção*

Diante do crescimento do pensamento fascista ao redor do mundo, a Cia Teatro dos Ventos propõe uma reflexão sobre a popularidade da extrema-direita no Brasil, com a peça “*O Sonho Americano*”. A nova temporada do espetáculo acontece no Teatro Studio Heleny Guariba, São Paulo, até 30 de março, com sessões aos sábados, às 20h, e, aos domingos, às 19h. Não haverá apresentações nos dias 1º e 2/3.

Escrita e dirigida por Luiz Carlos Checchia, a peça antifascista é ambientada no início dos anos 1970, no auge do endurecimento da ditadura militar. Na história, Beatriz, uma jovem de classe média baixa, sonha em ir para os Estados Unidos para escapar de uma vida sem perspectivas. Ela disputa uma vaga em Harvard, mas seus planos podem sofrer um revés com a visita de seu primo Bento, um recém ingresso na luta armada.

Para construir esse texto, o dramaturgo se inspirou na maneira como os estadunidenses constroem as suas narrativas, principalmente quando apostam em um registro mais realista. “*Não me restringi ao teatro. Li e reli produções de Eugene O'Neill (1888-1953), Arthur Miller (1915-2005), Tennessee Williams (1911-1983), Tony Kushner (1956-), John Steinbeck (1902-1968), Flannery O'Connor (1925-1964) e Ernest Hemingway (1899-1961). Também assisti a muitos filmes dos anos 40, 50 e 60, especialmente os de Billy Wilder (1906-2002). Alguns me marcaram muito, como ‘Farrapo Humano’ (Wilder, 1945) e ‘Entre Deus e o Pecado’ (Richard Brooks, 1960)*”, comenta Checchia.

Vale destacar também que a obra flerta com o realismo mágico do escritor argentino Júlio Cortázar (1914-1984). Durante a montagem, acontecem algumas situações absurdas, como se fossem devaneios. A intenção do dramaturgo é usar elementos fantásticos para acenhar as contradições do mundo.

SOBRE A ENCENAÇÃO

“Podemos dizer que ‘O Sonho Americano’ é dividido em dois momentos. Primeiro, há um clima bastante afetivo entre os integrantes da família – primos e tia. Mas, depois, quando Beatriz descobre que conseguiu a bolsa para sua pós-graduação, tudo se torna sombrio e denso – ela teme que a presença de um subversivo na sua casa possa atrapalhar seus planos”, comenta o dramaturgo.

Em cena estão Camila Costa Melo, Cristina Bordin, Flávio Passos, Gabriel Santana e Ruben Pignatari. *“Na dramaturgia não existem mocinhos e vilões. Os personagens são complexos e cheios de falhas”*, completa.

SERVIÇO

O Sonho Americano

Até 30 de março

Teatro Studio Heleny Guariba

Praça Franklin Roosevelt, 184, República, São Paulo / SP

Dias/Horários: sábados, às 20h; domingos, às 19h

Não haverá sessões nos dias 1º e 2/3

Duração: 100 minutos

Ingressos: R\$ 60 (inteira) e R\$ 30 (meia-entrada)

www.linklist.bio/CiaTeatrodosVentos ou pelo Sympla

Classificação indicativa: 14 anos

Foto: João Caldas





2025
13 a 17.08
@CINEMAURBANA

PAISAGENS
RADICIAIS

CINEMA
URBANA

Cinema Urbana - Architecture Film Festival Brasilia

Inscrições abertas para “Cinema Urbana – Mostra Internacional de Cinema de Arquitetura – 2025”

Num contexto de alterações climáticas sem precedentes, como os arquitetos e urbanistas podem atuar para a construção de espaços resilientes e acessíveis, garantindo mais segurança e dignidade para todas as populações? *Cinema Urbana – Mostra Internacional de Cinema de Arquitetura* chega à 5ª edição propondo reflexões sobre o presente e apontando novos caminhos para um futuro sustentável. Sob o tema “*Paisagens Radicais*”, o evento promoverá Mostra Competitiva, Mostra Oficial, palestras, painéis, debates e atividades formativas. As inscrições para filmes que quiserem integrar a Mostra Competitiva seguem até o dia 25 março. Para participar, basta acessar <https://filmfree-way.com/CinemaUrbana> (site bilíngue e acessível).

Em Cinema Urbana, a arquitetura e as cidades são protagonistas de produções cinematográficas de todos os formatos e gêneros – ficção, documentário, experimental, animação, de curta ou de longa-metragem. Desde que foi criada, a mostra já exibiu mais de uma centena de filmes de mais de 70 países, promoveu seminários, painéis de debates, encontro com criadores, dentre outros.

Em 2025, a Mostra Competitiva vai distribuir Prêmio Brasília ao melhor filme produzido na capital federal; Prêmio de Melhor Filme em competição – segundo um júri composto por arquitetos e cineastas experientes; e Prêmio do Público para o melhor filme escolhido pelo voto popular. Podem ser inscritos filmes nos formatos de curta-metragem, com duração máxima de 40 minutos, e longa-metragem, com duração máxima de 120 minutos, produzidos a partir de 2024, de qualquer gênero cinematográfico e que estejam em sintonia com o tema da mostra.

A 5ª edição de Cinema Urbana ocorrerá entre 13 e 17 de agosto, no Espaço Cultural Renato Russo 508 Sul, exibindo cerca de 30 filmes nacionais e internacionais. Com direção geral da arquiteta, urbanista e pesquisadora Liz Sandoval, a mostra quer abordar a paisagem como eixo central, resultado de processos de transformação e da interação entre sistemas naturais, socioculturais, políticos e econômicos.

Liz Sandoval divide a curadoria com Sofia Morato, curadora portuguesa de um dos festivais europeus pio-

PAISAGENS RADICIAIS



neiros no tema da arquitetura. Cabe a André Costa, arquiteto, doutor e pesquisador em cinema e professor na faculdade de arquitetura na UnB, a curadoria da mostra experimental, que vai ser exibida na vitrine da Galeria Parangolé, do Espaço Cultural Renato Russo, voltada para a Via W/3 Sul.

EQUILÍBRIO E REGENERAÇÃO

A ideia é refletir sobre a importância da justiça climática, considerando a vulnerabilidade desproporcional das populações mais pobres frente a eventos climáticos extremos. Propor um olhar sobre as soluções que a arquitetura pode oferecer, no sentido de promover uma transformação urbana conciliando a redução das desigualdades, a promoção da qualidade de vida, a diminuição das emissões de gases de efeito estufa e a adaptação aos impactos das mudanças climáticas.

Cinema Urbana quer mostrar produções que utilizam o cinema como uma lente para refletir sobre o presente e imaginar transformações possíveis. E mais que isso: incentivar ações concretas e redes de apoio para transformação sistêmica; provocar diálogos profundos entre arquitetura, natureza e humanidade; apontar possibilidades esperançosas e radicais para um futuro justo e ambientalmente saudável.

SERVIÇO

Inscrições para a 5ª Mostra Cinema Urbana

Até 25 de março

Local: <https://filmfreeway.com/CinemaUrbana>

(site bilíngue e acessível)



IOLE DE FREITAS: FAZER O AR

Obras recentes e inéditas da artista espalham-se nas paredes e no chão das salas expositivas do Paço Imperial, revelando potência e beleza estética em mantos esculpidos em papel



Mantos e, ao fundo, Escada

Foto: Vicente de Mello

Com mais de 50 anos de trajetória, Iole de Freitas continua produzindo e experimentando novos materiais. A partir do dia 15 de março, a artista apresenta sua mais nova pesquisa na exposição “Fazer o ar”, no Paço Imperial, com curadoria do poeta Eucanaã Ferraz. A mostra revela 25 trabalhos inéditos, que exploram o volume e o ar. São obras em grandes dimensões, chamadas “Mantos”; feitas com papel glassine, em tamanhos que chegam a quase 4 metros; seis esculturas de outra série inédita, “Algás”, em aço inox; e a obra “Escada”, feita há dois anos, mas com uma montagem original na exposição.

Nos novos trabalhos, Iole surpreende ao utilizar o papel glassine como matéria, formando a série “Mantos” – majestosas esculturas de papel que ganham vida a partir da incorporação do ar também como matéria. O papel glassine é mais comumente usado como embalagem das obras de arte, para conservá-las e acondicioná-las. “É um papel que foi pensado para proteger uma obra. Aqui, porém, ele não existe como um envoltório – e sim como algo que, trabalhado, guarda em si a expressão de uma linguagem” – explica Iole. “Gosto de deslocar a funcionalidade das coisas, de subvertê-las; tomo a capa da coisa e faço dela a substância da forma”, revela.

A pesquisa para estes trabalhos começou há mais ou menos quatro anos. Para realizá-los, o papel é preenchido com ar, para inflá-lo e criar grandes superfícies, que então recebem água, areia e cola, e que assim vão moldando, esculpindo e estruturando o papel, até formar os *Mantos*. Alguns ainda ganham novos elementos, como cobre, palha e pedras gipsitas.

"Iole testa em cada obra as verdades físicas de seu corpo e do material que utiliza. Basta ver, para inferirmos o quanto as formas nasceram da peleja, da disputa entre o gesto e o papel. É flagrante a atuação de uma inteligência física. O papel era liso, neutro, sem corpo nem memória, sem ar, inerte, ausente. Iole soprou nele. Deu a ele o sopro da vida. O papel, agora, está vivo. Veja: ele respira – afirma o curador Eucanaã Ferraz.

Os *Mantos* impressionam por seu tamanho, volume e beleza estética. “Trata-se de um processo e de uma poética sobre como inflar uma matéria para que ela traga ar dentro dela, criando um volume. Trata-se de um grande esforço físico, que tem uma atuação corpórea quase coreográfica – afirma a artista, que ressalta ter tido como referência as obras “*O Êxtase de Santa Teresa*” e “*O Êxtase da Beata Ludovica Albertoni*”, de Bernini (1598-1680), e também as *Pietàs* de Michelangelo (1475-1564).

“Dos Mantos de Iole irradiam-se imagens dos planejamentos da estatuária grega clássica, levados adiante pelo universo da arte romana e pelo Renascimento. O

efeito simulava na pedra a aparência de um tecido folgado ao redor de um corpo, formando pregas, dobras, ondulações, volumes. Compunha a própria anatomia: pernas, braços, cinturas, dorso. Era o empenho possível para a representação – impossível – do próprio ar. Nos Mantos, o antiquíssimo problema do ar, representado pela matéria esculpida, converte-se no problema da incorporação do ar como matéria – diz o curador.

Há um único *Manto* vermelho na exposição. Todos os outros são brancos. “A cor vermelha/rubra traz uma dramaticidade, que vem também das grandes e pesadas cortinas que emolduram os palcos – como as do Theatro Municipal, no Rio de Janeiro, onde dancei. Esta experiência ficou impregnada em mim como um momento dramático de determinada cena”, conta a artista, que é formada em dança contemporânea.



Manto Vermelho
Foto: Vicente de Mello



Algas

“O Manto vermelho nos fere, como o único ponto de cor em toda a exposição. Contrário ao branco, o vermelho afirma no espaço sua disposição corpórea, material, oposta à vaga espiritualidade da brancura circundante. É um centro gravitacional, um fio-terra, uma ferida. O Manto Vermelho faz tudo descer à realidade primeira: o corpo. Sangue, vida e morte”, completa Eucanaã Ferraz.

Em diálogo com os *Mantos*, encontram-se seis esculturas que compõem outra série inédita, “*Algás*”, todas produzidas em aço inox, que também trazem, em sua poética, a questão do ar. “*Algás e Mantos formam o mesmo espaço. Fundam-se na redescoberta de algo muito primário e vital: a respiração*” – reafirma Eucanaã Ferraz. “*As Algás conversam com o fundo do mar, com a areia e também com o ar. Elas produzem mais da metade do oxigênio do planeta*”, ressalta a artista.

Na última sala da exposição está a “*Escada*”, obra composta por uma estrutura em aço inox feita de cortes, dobras e soldas, que se assemelham a degraus. Colo-



Fotos: Vicente de Mello

cada na parede, dividida em duas partes, é exibida junto a dois vídeos com registros de performances que a artista realizou com seu neto Bento Dias. Produzida em 2023, a obra terá montagem inédita na exposição.

“Desordenada e arquitetonicamente extravagante, verticalizada numa grande parede, a Escada, assim como as Algás, é arabesco, é enorme; é, como os Mantos, um (dois) plano(s) amarrrotado(s). Mas o ar parece ser o mais importante ponto em comum: sem um endereçamento místico ou mítico, a verticalização da Escada nos sugere o alto como pura abertura – movimento desimpedido, circulação, respiração, vento. Tudo tende à verticalização, como se o ar tivesse de ser buscado no alto”, diz Eucanaã Ferraz.

Durante o período da exposição, o grupo Laboratório 60 – formado por Bea Aragão, Bento Dias, Cecília Carvalhosa, Gil Duarte e Ísis Lua – fará uma apresentação de dança no espaço expositivo, interagindo com as obras da artista. A exposição também terá um catálogo, a ser lançado ao longo do período da mostra.



Escada e vídeos performance

Foto: Vicente de Mello

SOBRE A ARTISTA

Iole de Freitas (Belo Horizonte, 1945) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Iniciou sua formação em dança contemporânea no Rio de Janeiro, para onde se mudou aos seis anos de idade. Estudou na Escola Superior de Desenho Industrial da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e, em 1970, mudou-se para Milão (Itália), onde trabalhou como designer no *Corporate Image Studio* da Olivetti, sob a orientação do arquiteto Hans von Klie. No mesmo período, iniciou sua produção artística e sua participação em exposições.

Ao longo de mais de cinco décadas de carreira, a artista participou de importantes mostras internacionais, como a Bienal dos Jovens de Paris (França, 1975), a Bienal de São Paulo (1981, 1998), a 5ª Bienal do Mercosul (2005) e a Documenta 12, de Kassel (Alemanha, 2007), além de realizar mostras individuais e integrar coletivas em várias cidades do mundo. Vale destacar, em 2023,

as exposições individuais no IMS (Instituto Moreira Salles) e no Instituto Tomie Ohtake, em São Paulo.

Os trabalhos de Iole de Freitas integram importantes coleções, como a do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo; dos Museus de Arte Moderna de São Paulo e do Rio de Janeiro; do Museu de Arte Contemporânea de Niterói; do Museu de Belas Artes do Rio de Janeiro; do Museu de Arte do Rio; do Bronx Museum (EUA); do Museu de Arte Contemporânea de Houston (EUA); do Museu Winnipeg Art Gallery (Canadá) e da Davos Foundation (Suíça).

SERVIÇO

Iole de Freitas: Fazer o Ar

Abertura: 15 de março, das 15h às 19h

Até 11 de maio

Centro Cultural do Patrimônio Paço Imperial

Praça XV de Novembro, 48, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: terça a domingo e feriados, das 12h às 18h
Entrada gratuita

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM IOLE DE FREITAS

Maria Hermínia Donato

O sol castigava a Praça XV de Novembro naquela tarde. O calor subia do asfalto, tornando a caminhada do carro até a galeria um desafio. A exposição tomava forma em seu terceiro dia de montagem. Eu havia chegado ali para entrevistar Iole de Freitas.

Conhecia seu nome, sua importância, suas obras, mas nunca a tinha ouvido falar sobre seu trabalho. A expectativa era grande. No entanto, o que seria uma entrevista tomou outro rumo. A conversa se expandiu, ganhou corpo, tornou-se um encontro.

Ao lado de Ana Ligia Petrone, editora da Oxigênio Revista, e de Eucanaã Ferraz, curador da exposição, o que começou como um momento formal se transformou em um diálogo fluido, carregado de generosidade.

Iole abriu espaço para que a conversa seguisse seu próprio curso.

Esse encontro se tornou uma troca, onde palavras e ideias se sobreponham, e o rigor do pensamento coexistia com a leveza do improviso.

Não fiz apenas uma entrevista; na realidade, foi uma experiência compartilhada.



Foto: Vicente de Mello

■ Para você, o que significa dizer que arte é invenção e não repetição?

IF – Não sei se a frase é minha, mas eu falo porque acredito nela. A arte não pode ser apenas autoexpressão – isso todo mundo faz, e deve fazer sempre que quiser. Mas quando o trabalho se torna linguagem, quando ele encontra seu prumo dentro do que realmente é essencial para quem o faz, aí acontece a “magia”, a invenção.

Eu sempre tive referências fortes, nomes que admiro profundamente. Na dança, por exemplo, via Martha Graham, Mary Wigman, e pensava: *“Como vou mergulhar nesse oceano e criar algo que seja verdadeiramente meu?”* Percebi que seguir roteiros preestabelecidos não me bastava. Não queria apenas repetir gestos que já existiam. Foi essa inquietação que me levou a buscar outros caminhos.

Minha trajetória passou pelo design na Olivetti, em 1970, mas sabia que não era ali que minha invenção aconteceria. A vida foi me levando, minha filha nasceu, e as coisas mudaram. Entendi que o que me move para chegar na invenção é o afeto. Quando esse encharcamento de afeto se junta à busca obsessiva por um resultado que não seja apenas expressão, mas que realmente construa uma linguagem, aí sim, a arte acontece.

■ E como se dá essa invenção?

IF – No meu caso, passa pelo corpo, pela dança, pelo design, mas sobretudo pela presença da escultura no

espaço real. Meu trabalho não repete, ele descobre. E para descobrir, é preciso se lançar, encontrar aquilo que só cada artista pode criar, aquilo que não tem receita, que não pode ser ensinado. No fim das contas, arte é isso: um processo de individualização, onde cada um precisa inventar o seu próprio caminho.

■ Como a relação entre controle e acaso, molda a estética dos “Mantos”?

IF – Ao trabalhar com o papel glassine, tradicionalmente utilizado para proteger obras de arte, subverte a função original do material (papel) transformando-o em essência da criação. Inflando, moldando e estruturando o material com ar, água, areia e cola, corpo e presença, desafio suas características inerentes.

O processo envolve uma interação dinâmica entre controle e acaso, onde o gesto físico dialoga com a resistência e a maleabilidade do papel, permitindo vida própria.

“Os Mantos não são apenas objetos. Eles carregam em si a memória do gesto, da ação que os criou. Eu puxo, jogo, solto, empurro. O corpo está presente na obra.”

■ Como o simbolismo do manto na arte se conecta ao seu trabalho?

IF – Em oposição a essa tradição, eu subverte as expectativas ao criar uma obra que desafia a função do objeto.

Mantos não buscam simular um tecido mas afirmar sua própria materialidade. O papel, que poderia ser

visto como um suporte secundário, pobre, aqui se torna protagonista.

■ Porque a presença da cor na exposição?

IF – Desde o início, eu queria incluir um Manto Vermelho na série, criando um contraste intencional com os demais. O vermelho, cor do sangue e da pulsação, simboliza a vitalidade. Enquanto os outros Mantos sugerem leveza e suspensão, este se impõe com força e densidade. A tensão entre o efêmero e o permanente transforma a fragilidade do material em potência visual, marcando o limiar entre presença e ausência, vida e morte.

O Manto, no contexto da exposição, funciona como um *modus operandi* poético e estético que deu origem a essas obras. Assim, todos são mantos. Ele representa a ação de transformar uma matéria banal, enchê-la de ar e compreender seu potencial – algo que antes eu explorava apenas com estruturas de aço. O Manto revelou sua essência: é a própria operação. É *Fazer o Ar*.

■ Qual a importância das “Algas” na exposição?

IF – A ideia da respiração torna as algas fundamentais. Fomos descobrindo isso ao longo do processo. Essas algas já estavam presentes em trabalhos anteriores mas agora, de alguma forma, se transformaram nelas mesmas.

Em determinado momento, surgiu aquela peça que está no conhecimento da exposição chamada *Alga Pulmão*.

Pulmão formado por formas côncavas, como se o ar saísse dali.

Há algo muito curioso nisso: como essas algas conseguem, de alguma forma, representar a respiração, o ritmo, a fluidez?

Ao contrário do que se poderia esperar, as obras “*Algas*” não são feitas de materiais leves ou fluidos, mas sim de aço – um material rígido, resistente, que exige precisão e força no seu manuseio. Não há aqui a tentativa de tornar o aço algo que ele não é.

As algas são as grandes responsáveis pela respiração dos seres vivos. A maior parte do oxigênio que respiramos vem delas. Então, no fundo, essa é uma exposição sobre o ar.

Há também um detalhe que faz tudo ganhar um peso ainda maior: esse trabalho surge depois da pandemia, um período marcado justamente pela falta de ar. Sem ser literal ou panfletária, a obra acaba tocando nessa memória coletiva de maneira muito sutil, trazendo uma espécie de contraponto – se antes faltava o ar, agora ele está presente, pulsando na leveza das esculturas.

■ Na última sala da exposição, a obra “*Escada*” será exibida pela primeira vez em uma montagem inédita. Criada em 2023, a peça é uma estrutura de aço inox composta por cortes, dobras e solda, formando uma composição que remete a degraus. Instaladas na

parede e divididas em duas partes, as estruturas serão apresentadas junto a dois vídeos que registram performances suas com seu neto, Bento Dias. Qual o papel da verticalidade na obra “Escada”?

IF – A “Escada” tem essa ideia de verticalidade, como se apontasse para cima, para algo maior. A escada é o símbolo ascensional por excelência em todas as culturas. A escada sobe. Historicamente, essa busca pelo alto foi ligada à espi-ritualidade. Dá até pra pensar

nisso, mas não na dimensão de uma espiritualidade fechada, É algo mais amplo, que atravessa o tempo.

Você chega ao fim da exposição, mas não é um fim definitivo. É um término que não se fecha, que se abre para algo além. Como um gesto que lança para cima, como um movimento que impulsiona. A Escada não apenas termina, ela projeta para o alto, para o ar.

Iole de Freitas no seu ateliê

Foto: Vicente de Mello





Foto: Vicente de Mello



Cândido Portinari, *Enterro*, 1940

Foto: Diego Bresani

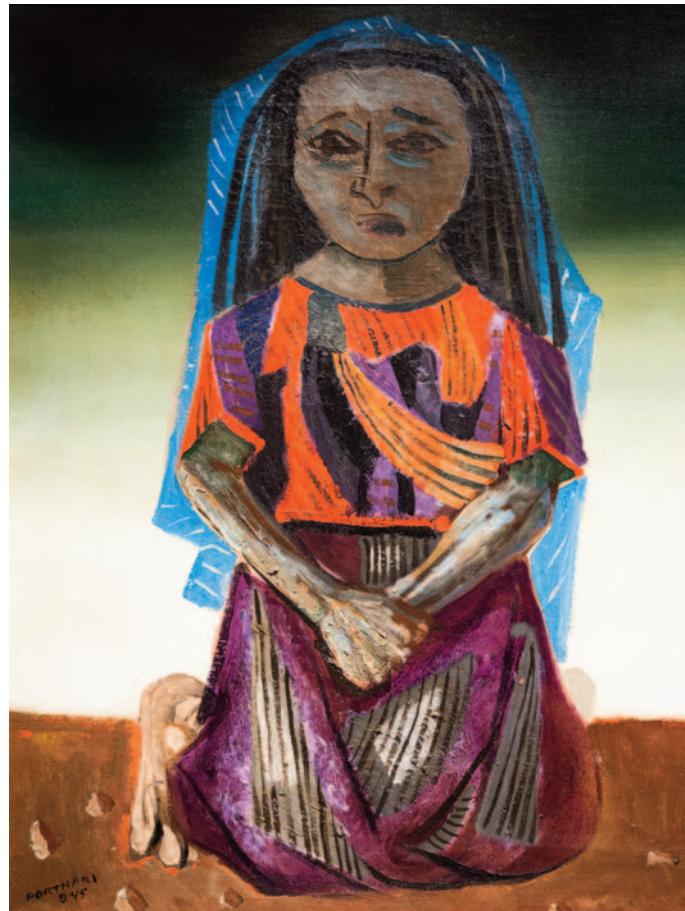
ARTE SUBDESENVOLVIDA

O Brasil do século XX no CCBB Rio de Janeiro

Mais de 130 obras assinadas por grandes nomes da arte contemporânea entre 1930 e 1980 fazem parte da mostra Arte Subdesenvolvida, em cartaz no CCBB Rio de Janeiro. Abdias Nascimento, Anna Bella Geiger, Anna Maria Maiolino, Cândido Portinari, Cildo Meireles, Glauber Rocha, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Randolpho Lamonier e Solano Trindade são alguns dos artistas integrantes da exposição que já esteve em SP e MG

A partir dos anos 1930, mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), países econômica e socialmente vulneráveis passaram a ser denominados “subdesenvolvidos”. No Brasil, artistas se posicionaram e reagiram ao conceito, combatendo o termo. Parte do que eles produziram nessa época está na mostra *Arte Subdesenvolvida*, que ficará em cartaz até 5 de maio de 2025, no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro. Com a curadoria de Moacir dos Anjos e produção da Tuâ Arte Produção, a exposição tem entrada gratuita, mediante retirada de ingresso na bilheteria ou pelo site do CCBB.

O conceito de subdesenvolvimento foi corrente por cinco décadas até ser substituído por outras expressões, dentre elas, países emergentes ou em desenvolvimento. “Por isso o recorte da exposição é de 1930 ao início dos anos 1980, quando houve a transição de nomenclatura no debate público sobre o tema, como se fosse algo natural passar do estado do subdesenvolvimento para a condição de desenvolvido”, reflete o curador Moacir dos Anjos. “Em algum momento, perdeu-se a consciência de que ainda vivemos numa condição subdesenvolvida”, complementa.



Cândido Portinari, *Menina ajoelhada*, 1945 Foto: Paulo Darzé Galeria

A mostra, com patrocínio do Banco do Brasil e BB Asset, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, apresenta pinturas, livros, discos, esculturas,



Anna Maria Maiolino, *Monumento à fome*, 1979-2012
Foto: Coleção da artista

cartazes de cinema e teatro, áudios, vídeos, além de um enorme conjunto de documentos. São peças de coleções particulares, dentre elas, dois trabalhos de Cândido Portinari. Há também obras de Paulo Bruscky e Daniel Santiago cedidas pelo Museu de Arte do Rio – MAR.

Após a temporada carioca, a exposição segue para o CCBB Brasília, ainda em 2025.

PRINCIPAIS DESTAQUES

Duas obras de Cândido Portinari, *Enterro* (1940) e *Menina Ajoelhada* (1945), fazem parte do acervo da exposição. Em muitas pinturas do artista figuram o desespero, a morte ou a fuga de um território marcado pela falta de quase tudo.

Monumento à Fome, produzida pela vencedora da Bienal de Veneza, a ítalo-brasileira Anna Maria Maiolino, é outra obra que se destaca. Ela é composta por dois sacos cheios com arroz e feijão, alimentos típicos de qualquer região do Brasil, envoltos por um laço preto. Esse laço é símbolo do luto, como aponta a artista. O público também terá acesso a uma série de fotografias da artista intitulada *Aos Poucos*.



Randolpho Lamonier, *Sonhos de Refrigerador – Aleluia Século 2000*
Foto: Divulgação (CCBB BH)

Outro ponto alto da exposição é a obra *Sonhos de Refrigerador – Aleluia Século 2000*, de Randolpho Lamonier, na rotunda do CCBB. Assim como ocorreu em SP e BH, lúdica e viva, a instalação multimídia realiza também um inventário de sonhos de consumo dos cariocas, com áudios e manuscritos das próprias pessoas entrevistadas, objetos e peças têxteis. Como explica o curador, “faz uma reflexão, a partir de hoje, sobre questões colocadas pelos artistas de outras décadas”.

“A materialização dos sonhos tem diversas formas de representação, que inclui um grande volume de obras têxteis, desenhos e anotações feitos pelas próprias pessoas entrevistadas, objetos da cultura vernacular e elementos que remetem à linguagem publicitária”, ressalta o artista. “Entre os elementos que compõem a obra, posso listar, além dos têxteis, neons de LED, letreiros digitais, infláveis, banners e faixas manuscritas, até conteúdos sonoros com relatos detalhados de alguns sonhos”, completa Lamonier.

Ao todo, mais de 40 artistas e outras personalidades brasileiras têm obras expostas na mostra, entre eles: Abdias Nascimento, Abelardo da Hora, Anna Bella Geiger, Anna Maria Maiolino, Artur Barrio, Cândido



Abdias Nascimento, *Meia-noite de Exu* Foto: Diego Bresani

Portinari, Carlos Lyra, Carlos Vergara, Carolina Maria de Jesus, Cildo Meireles, Daniel Santiago, Dyonélio Machado, Eduardo Coutinho, Ferreira Gullar, Graciliano Ramos, Henfil, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, José Corbiniano Lins, Josué de Castro, Letícia Parente, Lula Cardoso Ayres, Lygia Clark, Paulo Bruscky, Rachel de Queiroz, Rachel Trindade, Solano Trindade, Regina Vater, Rogério Duarte, Rubens Gerchman, Unhandejara Lisboa, Wellington Virgolino e Wilton Souza.

Ao longo do período da exposição serão realizadas atividades educativas integradas, como a palestra “*Arte e subdesenvolvimento no Brasil*” com o curador e pesquisador Moacir dos Anjos. O evento discutirá os modos como a arte brasileira reagiu à condição de subdesenvolvimento no país entre as décadas de 1930 e início da de 1980. E como ela incorporou, temática e formalmente, os paradoxos dessa condição. Discussão que importa para entender a recente virada política na arte brasileira contemporânea. A palestra conta com tradução simultânea em LIBRAS.

O SUBDESENVOLVIMENTO EM DÉCADAS

A exposição, dividida por décadas, tem quatro eixos. O primeiro, “*Tem Gente com Fome*”, apresenta as discussões iniciais em torno do conceito de subdesenvolvimento. “*São de 1930 e 1940 os artistas e escritores que*



Abelardo da Hora, *Meninos do Reife* Foto: Diego Bresani

começam a colocar essa questão em pauta”, explica Moacir dos Anjos.

No segundo eixo, “*Trabalho e Luta*”, encontra-se uma série de obras de artistas do Recife, Porto Alegre, entre outras regiões do Brasil, onde começaram a proliferar as greves e as lutas por direitos e melhores condições de trabalho.

Já o terceiro bloco se divide em dois. Em “*Mundo e Movimento*”, o curador registra que “*a política, a cultura e a arte se misturam de forma radical*”. Nessa seção há documentos do Movimento Cultura Popular (MCP), de Recife, e do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), no Rio de Janeiro. Na segunda parte, “*Estética da Fome*”, a pobreza é tema central nas produções artísticas, em filmes de Glauber Rocha, obras de Hélio Oiticica e peças de teatro do grupo Opinião. “*Nessa época houve muita*



Anna Bella Geiger, *E as vísceras mergulharam num profundo mar azul*, 1967

Foto: Divulgação



Antônio Dias, *La mort de Black Hawk*, 1967

Foto: Divulgação

inventividade que acabou sendo tolhida depois da década de 1960", completa Moacir.

O último eixo da mostra, "**O Brasil é Meu Abismo**", traz obras do período da ditadura militar e artistas que refletiram suas angústias e incertezas com relação ao futuro. "São trabalhos mais sombrios e que descrevem os paradoxos que existiam no Brasil daquele momento, como no texto O Brasil é Meu Abismo, de Jomard Muniz de Britto", finaliza o curador.

SOBRE O CURADOR

Graduado em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco, mestre em Economia pela Unicamp e

doutor em Economia pela University of London, com Pós-Doutorado em Arte Transnacional, identidade e Nação na Camberwell College of Arts em Londres. Pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco desde 1990. Foi curador da 29ª Bienal de São Paulo em 2010. Diretor geral do MAMAM, em Recife entre 2001 e 2006. Curador da ARCO 2008. Dentre as exposições de que participou como curador se destacam: "Hélio Oiticica – Delirium Ambulatorium" (2023/2024), no CCBB Brasília e Belo Horizonte; "Vestidas de Branco", de Nelson Leirner (2008), Museu Vale, ES; "Babel – Cildo Meireles" (2006), na Estação Pinacoteca, em São Paulo; *Contradictório. Panorama da Arte Brasileira* (2007), no Museu de Arte Moderna de São Paulo; *Zona Franca*, na Bienal

do Mercosul (2007), em Porto Alegre; *Marcas – Efrain Almeida* (2007). Conselheiro da Fundação Iberê Camargo, integra o Comitê Assessor da Cisneros Fontanals Arts Foundation desde 2006.

SERVIÇO

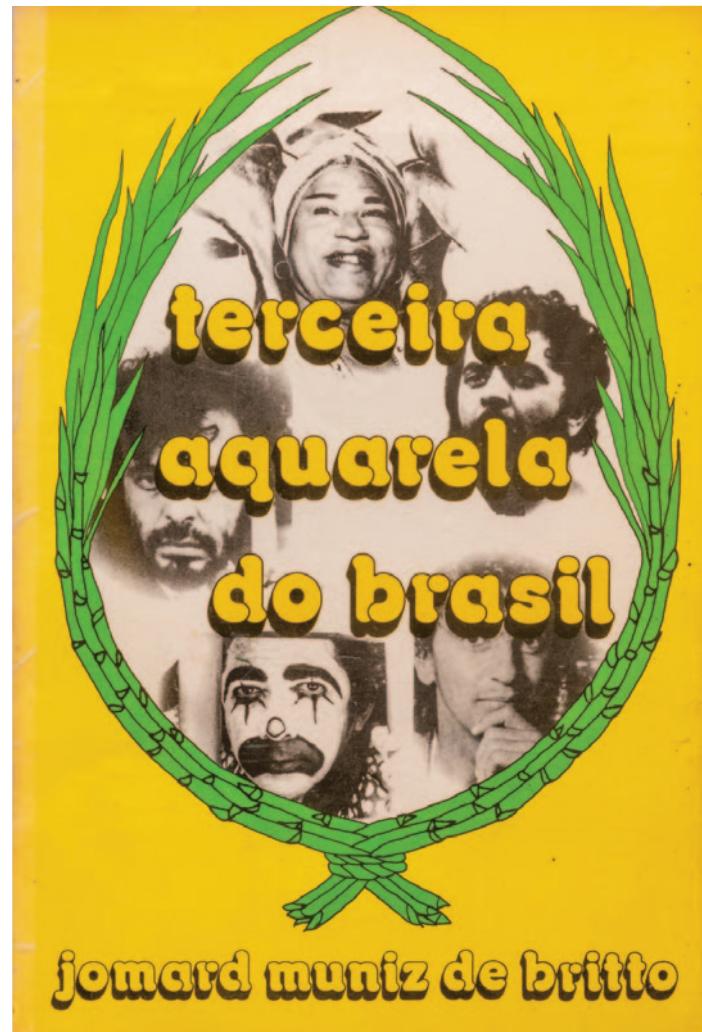
Arte Subdesenvolvida
Até 5 de maio

*Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro
Rotunda e 1º andar*
Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ
Dias/Horários: aberto todos os dias, das 9h às 20h, exceto às terças-feiras. No dia 1º de março, aberto das 8h às 20h.
Entrada gratuita
Classificação indicativa: livre
Informações: (21) 3808-2020 / ccbrio@bb.com.br
bb.com.br/cultura



Daniel Santiago, *O Brasil é o meu abismo*, 1932

Foto: MAR



Jomard Muniz de Britto - A terceira aquarela do Brasil
Foto: Diego Bresani

A MEMÓRIA DA NATUREZA NA OBRA DE MERCEDES LACHMANN

Domi Valansi



Área de Emergência, Casco da embarcação Benção de Deus VIII sobre banco de areia, Mostra Rio Esculturas Monumentais, de maio a agosto 2014, Praça Paris, Glória, RJ

Foto: Reprodução / Site da artista



Boca, Sacos plásticos, água, tubos de aço, Displacement RIO
Foto: Reprodução / Site da artista

A partir de elementos do passado e da cidade do Rio de Janeiro, o trabalho de Mercedes Lachmann aborda questões contemporâneas, como as transformações urbanas, a emergência da preservação do meio ambiente e as sabedorias originárias e ancestrais.

Seu ateliê fica localizado no bairro de São Cristóvão, onde havia uma aldeia indígena dos tamoios. Em 1568, Mem de Sá cedeu uma sesmaria na região aos padres da Companhia de Jesus. Em 1627, os jesuítas construíram, num trecho junto ao litoral, uma capela dedicada a São Cristóvão que deu nome à praia e à região toda. Em 1924, o aterro da Praia de São Cristóvão e o prolongamento do cais do porto até o Caju tiraram o litoral do bairro.

O apagamento do mar em tantos pontos da cidade é tema de uma das obras mais icônicas de Mercedes Lachmann: “Área de Emergência”, um barco naufragado de 10 metros de comprimento, pesando duas toneladas, sobre 40 toneladas de areia, que participou

da coletiva “*Primeira mostra de esculturas monumentais*”, que ocupou a Praça Paris, sob curadoria de Paulo Branquinho.

“A Praça Paris é muito importante na minha infância, porque meus avós moravam ali perto, e ao passar por lá acendia minha imaginação. O lugar era mar, suas águas foram aterradas, então a minha ideia foi trazer essa memória de volta, corrompendo o espaço, levando um barco naufragado para o chão de terra. Intervir no destino de fim de ciclo e propor um resgate pela arte. O barco foi a lembrança do mar, um fantasma, uma denúncia, um playground, e todos os demais significados que a instalação envolvia: o renascimento, o resgate da minha história pessoal, mas também de uma história coletiva”, conta a artista.

O longo processo de criação da obra começou em um estaleiro na Ilha da Conceição, em Niterói, onde o dono de uma espécie de ferro-velho marinho prometeu à artista um barco. Chamado “*Benção de Deus*”, a em-

barcação apareceu realmente como um milagre de renascimento. Rebocado até um terreno baldio, ele foi limpo e restaurado ao longo de quatro meses em parceria com o amigo e artista Marcos Duarte.

Depois da mostra na Praça Paris, o trabalho foi vencedor do edital “Arte na Rua” e foi instalado de outra maneira no Campo de São Bento, em Icaraí. O barco ficou parcialmente enterrado, e a instalação ganhou o nome de ‘águas escondidas’, significado de Niterói em tupi guarani.

Tantos mares depois, Mercedes Lachmann decide então esculpir com a água. A primeira etapa, com plástico, se mostra uma controvérsia, já que se trata de um grande poluidor. *“Foi de extrema importância para a minha pesquisa compreender questões urgentes como o colapso climático, os deslocamentos urbanos e o lixo”*.

Em 2017 deixou o plástico, e começou a usar o vidro plano, depois as ampolas, e aos poucos a artista construiu um alfabeto de formas com vidro, operando questões como o peso, instabilidade, translucidez, transparência, evaporação, contaminação, proliferação. Na investigação da água, ela chega às árvores, sob influência de obras como o livro do engenheiro florestal alemão Peter Wohlleben. *“A vida secreta das árvores”* traz descobertas científicas sobre como as árvores se comunicam, guardam memórias, mantêm relações, defendem-se e competem com outras espécies. *“A principal solução para os problemas hídricos é plantar árvores”*. Então sua produção começa a ganhar contornos mais ecológicos.



Manto, sisal, Parque Lage

Foto: Divulgação

O FUTURO É ANCESTRAL

São Cristóvão, onde Mercedes Lachmann trabalha diariamente, tem todo um passado indígena que não é lembrado nem no Guia das APACs (Área de Proteção Ambiental e Cultural) da prefeitura do Rio, que conta a história do bairro apenas a partir da ação de colo-

nizadores. Mas a recuperação desse passado ancestral aparece em sua trajetória quando, em 2018, a artista passa uma semana na Amazônia, na tribo do povo Yawanawá, no Acre.

“Eu já tinha visitado cidades amazônicas como Manaus, Belém do Pará e o Amapá, mas nunca havia adentrado a floresta amazônica, nunca havia visto aquela dimensão florestal! É emocionante, uma experiência inesquecível, e que recomendo para quem ainda não foi. Passar tempo em contato na Floresta, equivale a introduzir seu corpo em uma outra realidade, governado por leis diferentes de tempo e espaço. A complexidade de relações inter-espécie que acontecem ali tem relação ao que entendemos do universo profundo. Passar tempo em uma tribo indígena na Amazônia foi um marco na minha vida! Pude compreender com todo o meu ser a preciosidade que é essa floresta, como os povos originários a cultivam e defendem há milênios, e a ameaça que ela vem sofrendo há mais de 50 anos no Brasil. Precisamos voltar nossa atenção e interesse para a maior floresta do mundo, que ainda resiste em pé, e

saber valorizar e cuidar dessa imensa riqueza, que habita em nosso país.”

No mesmo ano, conheceu a erveira Patrícia Carvalho, com quem começou a estudar as ervas medicinais e aromáticas. Em 2019, participou do 2º *Encontro Selvagem*, entidade que aborda aprendizagens, práticas e percursos que articulam memórias e saberes indígenas e não indígenas, tradicionais, científicos, acadêmicos, artísticos e de outras espécies. Passou a ter contato com as ideias da indígena ativista peruana Katty Lopez, o ativista Ailton Krenak, o filósofo Emanuelle Coccia, a etnobotânica Vera Fróes, o antropólogo Jeremy Narby, entre outros.

“Ao conhecer o pensamento desses diversos autores, fui me aproximando das plantas, de suas propriedades. Comecei a cultivar algumas espécies, observar seu desenvolvimento, preparar minhas primeiras tinturas, experimentar seus benefícios em mim. As plantas são muito poderosas, são seres vivos sensíveis e inteligentes como todos os demais. É preciso descolonizar nosso

Série Arraste, Madeira e vidro soprado



Foto: Reprodução / Site da artista

pensamento sobre a natureza e aprender que todos os seres que vivem ao nosso redor são Natureza, assim como nós”.

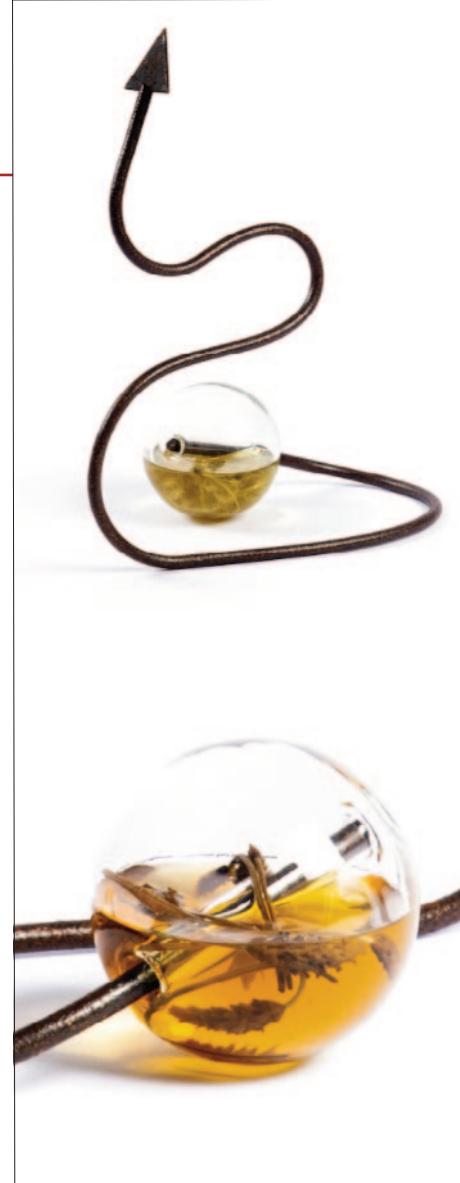
As árvores, plantas e seus componentes passam a ser parte fundamental de sua produção. Vestiu uma figueira centenária caída no Parque Lage com um manto de sisal e ao encontrá-la caída, em 2021, coletou cinco partes de seu tronco para fazer trabalhos em sua homenagem. “*Descobri que a figueira é uma árvore sagrada do candomblé e que a vestimenta em sisal era uma espécie de trabalho para Iroco, um orixá do candomblé Queto, que representa a ancestralidade e rege o tempo*”.

Em outra ação, fez uma performance gravada em vídeo onde escreveu *BRAZILL* no tronco da figueira, reforçando a ideia de um país doente (que não valoriza suas riquezas, e por ignorância, destrói o que temos de melhor – o que resta de vida no mundo). Naquele momento a Amazônia queimava e sua fumaça chegava até São Paulo, época de muito negacionismo.

Em sua série “*Arraste*” (termo madeireiro usado para nomear a retirada de troncos da floresta depois do abate de árvores), a artista trabalhou com troncos de árvores mortas e vidro soprado que quando é encostado na madeira gera um processo de queima, deixando uma marca preta sobre eles.

CORES ALÉM DO VERDE

Segundo Mercedes Lachmann, as plantas são “*politudo*”. E assim, viraram um novo universo de pesquisas artísticas. “*A tintura guarda a alma da planta, nela*



Curare, Aço carbono, Vidro e Tintura de ervas

Foto: Reprodução / Site da artista

pulsa seu princípio ativo. Faço um paralelo entre a tintura e as estrelas que após morrerem, ainda propagam sua luz no universo por milhões e milhões de anos.”

As tinturas de plantas são protagonistas do recém criado múltiplo “*Curare*”, de cinquenta edições. A obra é composta de dois elementos: uma esfera de vidro e uma estrutura metálica que depende da primeira para se sustentar. Há uma correlação e codependência entre as partes, tal como na vida.

As esferas foram preparadas com tinturas de cinco plantas: erva-doce, urucum, arruda, alecrim ou lavanda, e quem compra o múltiplo escolhe a erva de sua preferência.

As tinturas foram os primeiros remédios preparados pelas mulheres, guardiãs de saberes e cuidados. Além de trazer a ideia do cuidado/curar feminino, as peças fazem alusão a uma substância extraída de espécies da América do Sul que é utilizada como veneno de flecha na caça, e na medicina como relaxante muscular e anestésico. O termo deriva das palavras indígenas woorari e urari.

Depois de expor no Museu Internacional de Escultura Contemporânea (MIEC-ST), na cidade do Porto, entre julho e outubro de 2023, Mercedes Lachmann leva uma seleção de trabalhos que perpassam afetos e saberes milenares na exposição "*Flecha*", que será apresentada na Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, de junho a agosto de 2025, com o apoio da DGArtes e República Portuguesa.

Na cidade cujo fundador Estácio de Sá morreu por um ferimento de flecha, a artista reconstrói narrativas trazendo o aprendizado sobre a paisagem e a necessidade de se agir para construir efetivamente um futuro coletivo. Em seu estúdio perto da Quinta da Boa Vista, sua produção lembra que por baixo de todo o asfalto que torna o bairro de São Cristóvão cinza, existem raízes e a natureza vive.

SOBRE A ARTISTA

Mercedes Lachmann é uma artista multidisciplinar, e

mora no Rio de Janeiro. Formou-se em Comunicação Visual pela PUC-RJ em 1986 e cursou a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), participando de grupos de estudos de arte e filosofia e de diversas formações com artistas e curadores. Em 2018, foi indicada ao Prêmio Pipa, um dos mais importantes prêmios de artes visuais do Brasil.

Em 2020, passa a integrar o coletivo de artistas [@Bornagirls](#), que apoia causas em prol de mulheres em situação de vulnerabilidade por meio de ações de comunicação e arte. A artista já apresentou inúmeras exposições no Brasil e no exterior, e sua obra está presente em acervos públicos e privados. A arte de Mercedes aborda questões filosóficas e ideológicas contemporâneas, como o Ecofeminismo e a Ecologia Profunda.

Flexa, Aço carbono

Foto: Reprodução / Site da artista



MILAGRE!

ED. ESPECIAL #62



Marcelo Cipis,
Milagres, 1959
Foto: Ding Musa

Linguagens contemporâneas e tradição popular se encontram na Casa de Cultura do Parque, SP, em 2025

Ciclos expositivos com obras de artistas como Fábio Miguez, Marcelo Cipis, Marilá Dardot e Madalena dos Santos Reinbolt exploram diferentes linguagens e técnicas, promovendo reflexões sobre arte, cultura e sociedade

A Casa de Cultura do Parque abre o ano de 2025 com um mergulho em diferentes estéticas e técnicas vernaculares. O **I Ciclo Expositivo** reúne obras que desafiam as tradições da pintura, fotografia e produção têxtil. Na Galeria do Parque, a exposição coletiva *O fiar – pontos, nós, corte*, com curadoria de Cláudio Cretti, reúne artistas como Madalena dos Santos Reinbolt, Daniel Albuquerque, João Modé e Sofia Lotti, que exploram materiais têxteis como lã, linha e tecido, criando intervenções e paisagens abstratas.

No Gabinete, Helena Martins-Costa apresenta fotografias de arquivo, questionando convenções e revelando a não neutralidade da imagem. Já no Projeto 280x1020, Fábio Menino resgata imagens de objetos do trabalho manual em suas pinturas, dialogando com a coletiva da Galeria ao revelar o potencial plástico e simbólico desses objetos. No Deck, Marcone Moreira exibe manifestações culturais populares, recriando a plasticidade de materiais do norte do Brasil. E o projeto Dando Bandeira traz bandeiras criadas por Mônica Schoenacker e o Instituto Acaia, utilizando a serigrafia para representar padronagens do cotidiano.

O **II Ciclo Expositivo** busca construir uma sintaxe própria, extraíndo a potência simbólica de diferentes linguagens. A coletiva Palavra e Gesto reúne artistas como Fábio Miguez, Marcelo Cipis e Marilá Dardot, que exploram a intersecção entre pintura e escrita, criando poéticas verbo-visuais. Antonio Pulquério, no Projeto 280x1020, apresenta uma instalação-performance com a Espada-de-São-Jorge, repetindo a planta em cerâmica em um ritual contínuo. No Gabinete, Carolina Colichio

trabalha com cerâmica e outros materiais, evocando a corporalidade de elementos naturais.

O limiar entre ficção e realidade encontra-se no **III Ciclo Expositivo**. A coletiva Ultraprocessamento, ou do fundo do escuro da noite, com curadoria de José Augusto Ribeiro, reúne artistas como Darks Miranda e Yuli Yamagata que criam atmosferas de ficção científica e estética glitch. No Gabinete, Andrea Brazil apresenta pinturas geométricas inspiradas em elementos urbanos. Felipe Rezende, no Projeto 280x1020, utiliza lonas de caminhão para criar narrativas visuais sobre o trabalho. E, no Deck, Raquel Garbelotti traz narrativas míticas para pensar o espaço arquitetônico. Por fim, o projeto Dando Bandeira conta com a Marcenaria Olinda, que tensiona os limites entre arte popular e design.



Antonio Pulquério,
Proteção, 2021
Foto: Cortesia do artista

I CICLO EXPOSITIVO

GALERIA

O fiar – pontos, nós, corte

Curadoria: Claudio Cretti

Artistas: Daniel Albuquerque, João Modé,
Madalena dos Santos Reinbolt, Marina Weffort
e Sofia Lotti

22 de março a 29 de junho

GABINETE

Helena Martins-Costa

22 de março a 29 de junho 5

280x1020

Fábio Menino

22 de março a 29 de junho

NO DECK

Marcone Moreira

26 de abril a 31 de agosto

DANDO BANDEIRA

Mônica Schoenacker e o Instituto Acaia

26 de abril a 31 de agosto

II CICLO EXPOSITIVO

GALERIA

Ultraprocessamento, ou do fundo do escuro da noite

Curadoria: José Augusto Ribeiro

15 de novembro a 22 de fevereiro de 2026

GABINETE

Andrea Brazil

15 de novembro a 22 de fevereiro de 2026

2080X1020

Felipe Rezende

15 de novembro a 22 de fevereiro de 2026

NO DECK

Raquel Garbelotti

27 de setembro a março de 2026

DANDO BANDEIRA

Marcenaria Olinda

27 de setembro a março de 2026

SERVIÇO

Casa de Cultura do Parque – Ciclos Expositivos 2025

Av. Prof. Fonseca Rodrigues, 1300, Alto de Pinheiros,
São Paulo / SP | Tel.: (11) 3811-9264 | ccparque.com.br

Dias/Horários: quarta a domingo, das 11h às 18h

Toda a programação é gratuita, aberta a todos os públicos interessados e está sujeita à lotação do espaço.

Agendamento de grupos: educativo@ccparque.com.br
e Whatsapp + (11) 99520-2759



Madalena Santos Reinbolt, Boiada, (s.d.)

Foto: João Liberato

JOANA VASCONCELOS: FASCINAÇÃO

Embaixada de Portugal no Brasil



Foto: Blickachsen Foundation

A monumental obra “Pavillon de Vin”, de Joana Vasconcelos, é exposta pela primeira vez no Brasil, nos jardins da embaixada portuguesa em Brasília. A mostra inclui também 15 volumes de “Os Cadernos da Minha Vida”, diários gráficos da artista. Completam a programação, até agosto, um ciclo de conversas com a participação de Joana Vasconcelos e da editora Lucia Bertazzo, além de oficinas e atividades educativas

“Joana Vasconcelos: Fascinação” exibe a gigantesca escultura *Pavillon de Vin* (2016) – uma estrutura de ferro forjado em formato de garrafão de vinho com videiras que sobem pela estrutura, instalada nos jardins da Embaixada, além de desenhos, textos e colagens realizados pela artista entre 1989 e 1997, em edição da Urucum, editora luso-brasileira, que revela um pouco do seu processo artístico. A abertura será no dia 8, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. A visitação é gratuita e se estenderá até 15 de agosto, às quintas e sextas-feiras, das 11h às 16h, e no primeiro sábado de cada mês, também das 11h às 16h.

Nos jardins da embaixada, *Pavillon de Vin* assume-se como uma autêntica escultura-caramanchão, na qual o elemento industrial e a natureza comungam numa simbiose perfeita. Nas grades em ferro que dão forma ao garrafão reconhecemos os padrões característicos de vedações e guardas de varandas. O ferro forjado, material arquitetônico simultaneamente funcional e decorativo, surge investido de importância estrutural na construção do objeto, cuja domesticidade é negada devido à hiperbolização da sua escala. Fortemente enraizado na sociedade portuguesa, o vinho assume importância em diversos contextos – social, econômico,

religioso – e extrapola fronteiras. Especialmente em Brasília, que começa a produzir vinho localmente.

Na galeria da embaixada, o visitante encontra a coleção de 15 livros da artista, intitulados “*Os Cadernos da Minha Vida*”. Eles revelam o período de formação de Joana Vasconcelos que, ao longo de toda a sua trajetória, registrou estudos com textos, desenhos e colagens em vários cadernos que documentam seu trabalho criativo. Em homenagem aos 50 anos da artista, cada um dos cadernos é acompanhado por uma obra original, um painel de azulejo, único em cada exemplar.



Os Cadernos da Minha Vida
Foto: Reprodução / Site da editora Urucum

SOBRE JOANA VASCONCELOS

Joana Vasconcelos é, ainda hoje, a mais jovem artista e primeira mulher a expor numa individual no Palácio de Versalhes (2012), atraindo 1 milhão e 600 mil visitantes. A mostra foi a mais visitada em 50 anos e é considerada um marco histórico na França. Sua exposição no Museu Guggenheim de Bilbao também foi uma das mais visitadas do museu e sedimentou o nome da artista como um talento sólido da arte contemporânea. *"Joana Vasconcelos: Fascinação"* tem título inspirado na canção imortalizada pela voz de Elis Regina e remete ao fascinante mundo das obras da artista. Também faz referência à relação entre Portugal e Brasil, na cultura e nas artes.

Nascida em 1971, Joana Vasconcelos é uma artista plástica portuguesa, autora de 1.759 obras de arte. Ao longo de 30 anos de carreira, participou de mais de 900 exposições – sendo 165 individuais. Reconhecida pelas suas esculturas de grandes dimensões e instalações que propõem reflexões sobre o mundo hoje, ela atualiza o conceito de artes e ofícios para o século XXI, estabelecendo um diálogo entre a esfera privada e o espaço público, a herança popular e a alta cultura. Com humor e ironia, questiona o estatuto da mulher, a sociedade de consumo e a identidade coletiva.

A aclamação internacional veio em 2005 com a obra *"A Noiva"*, exposta na primeira Bienal de Veneza curada por mulheres. Desde então, Joana já voltou à Bienal outras sete vezes. Em 2018, tornou-se a primeira artista portuguesa a ter uma individual no Guggenheim de Bilbao. Em 2023, concretizou a honra de expor nas Galerias Uffizi e no Palácio Pitti, em Florença, ao lado de

Foto: A Gavinha Agência de Comunicação /
Cortesia Adega Quanta Terra

mestres clássicos como Leonardo Da Vinci, Michelangelo e Caravaggio. Também em 2023, apresentou no MON – Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba, a exposição individual *"Extravagâncias"*.

Com mais de 30 prêmios, a artista recebeu, em 2009, o grau de Comendadora da Ordem do Infante D. Henrique pela Presidência da República Portuguesa e em 2022 tornou-se Oficial da Ordem das Artes e Letras do Ministério da Cultura da França. Desde 2006, comanda, em Lisboa, o Atelier Joana Vasconcelos, com mais de 50 funcionários. Em 2012, criou a Fundação Joana Vasconcelos para conceder bolsas de estudo, apoiar causas sociais e promover a arte para todos.

SERVIÇO

Joana Vasconcelos: Fascinação

De 8 de março a 15 de agosto

Embaixada de Portugal no Brasil

SES, Setor de Embaixadas Sul, Quadra 801, Lote 02, Brasília / DF

Dias/Horários: quintas e sextas-feiras, das 11h às 16h,

e no primeiro sábado de cada mês, das 11h às 16h

Entrada franca

Informações: ccp-brasilia@camoes.mne.pt



FINCA-PÉ: ESTÓRIAS DA TERRA

*Mostra inédita de Antonio Obá no CCBB Rio de Janeiro
mergulha nas memórias, territórios e vivências que moldam a trajetória do artista,
explorando sua conexão com a terra, a ancestralidade e a existência humana*

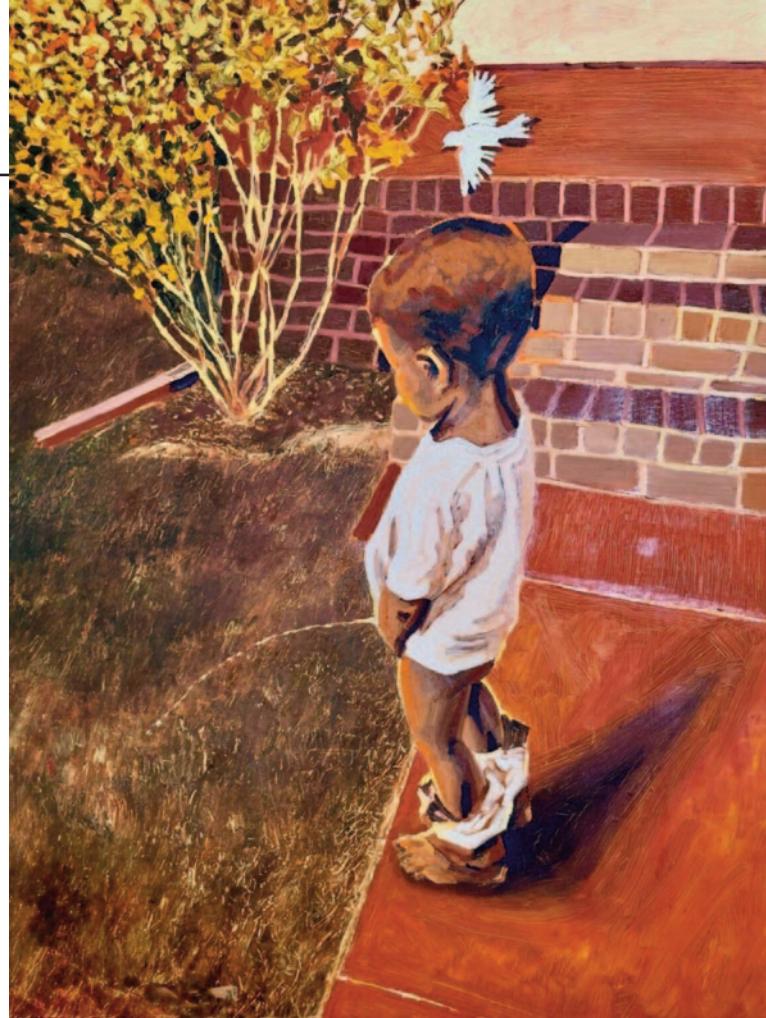


A partir de 12 de março, o CCB Rio de Janeiro exibirá um conjunto de mais de 50 obras do artista brasiliense Antonio Obá. Esculturas, desenhos e performance compõem *Finca-pé: estórias da terra*, mostra inédita do artista que ganhou o mundo a partir de Brasília, cujos trabalhos são disputados em instituições culturais na Europa, Estados Unidos e também no Brasil. No Rio, a mostra ficará em cartaz até o dia 2 de junho; depois, seguirá para as unidades do CCB em Belo Horizonte e Distrito Federal.

Obá conta que a exposição partiu de um indício relacionado com o estar na terra. “*E quando eu falo estar na terra, é esse lócus geográfico mesmo, o Cerrado, esse sertão de onde eu sou, até o potencial estético que reverbera nos meus trabalhos e pesquisas*”.

Ao percorrer as salas, o público é convidado a experimentar “*um campo conceitual movediço*”, provoca a curadora Fabiana Lopes. “*São múltiplas camadas de interpretação, uma fluidez que reflete o pensamento de Obá e a própria construção da mostra, que parte de um núcleo sólido e se desdobra em possibilidades imprevistas*”, afirma.

“*A terra pode ser o chão, pode ser Cerrado, pode ser planeta, pode ser um jardim imaginário ou um jardim interior do individuo. A experiência de caminhar pela exposição é a de transitar por essa multiplicidade*”, ilustra a curadora, ao destacar que os trabalhos do artista exploram relações de influência e contradições dentro da construção cultural do Brasil, tensionando a ideia de uma identidade nacional.



Sem título, 2025

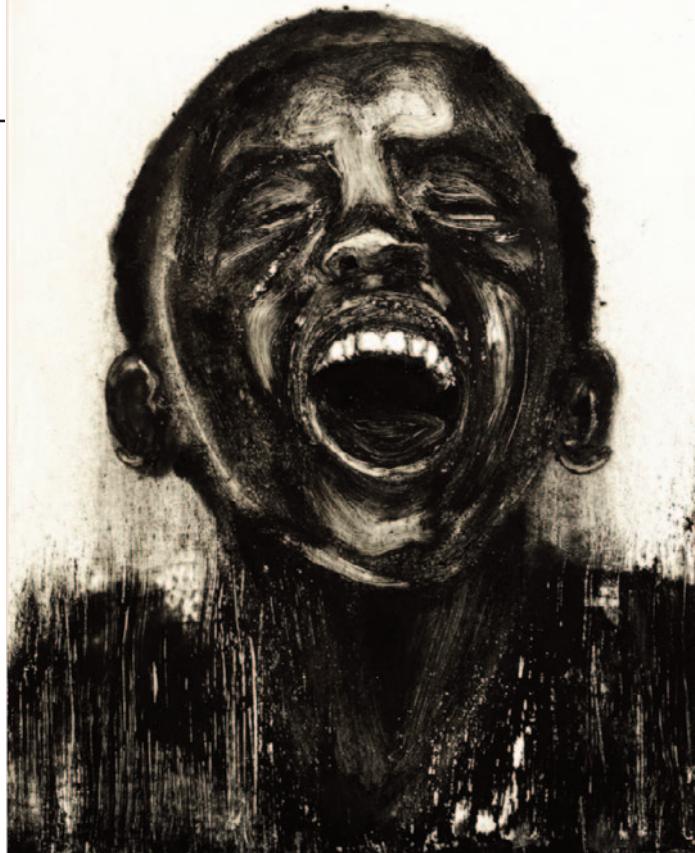
Foto: Lino Valente

“*A exposição oferece uma oportunidade para refletir sobre as investigações de Antonio Obá, marcadas por ampla diversidade de linguagens, que revelam os desdobramentos poéticos e a pesquisa formal realizada pelo artista*”, complementa a curadora.

“*Poder contribuir para aproximar o público do trabalho de Antonio Obá dentro do país é dar oportunidade ao brasileiro de se conectar com sua obra, que carrega muita brasiliade e ao mesmo tempo grande universalidade*”, observa Sueli Voltarelli, Gerente Geral do Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro.

A EXPOSIÇÃO

Uma primeira galeria do CCB propõe uma experiência



Sem título, da série
Crianças de Coral – nigredo/coivara,
2024-2025
Foto: Lino Valente

mais intimista, reunindo desenhos de forte gestualidade, que evocam movimento e convidam o visitante a se aproximar das obras. Muitas dessas criações foram produzidas com grafite, giz de cera, extrato de nós, bico de pena e nanquim dourado. No mesmo espaço, cadernos de estudos revelam anotações, esboços e o processo contínuo do artista.

O segundo conjunto de desenhos, em outra galeria, compõe a série *Crianças de coral – nigredo/coivara* (2024-2025). São 12 retratos de crianças em carvão sobre tela. Para produzir as obras, Antonio Oba reduz o carvão a pó e manipula as camadas fazendo emergir as imagens espessas dos retratos.

Seguindo o percurso, o visitante encontra *Ka'apora* (2024), uma das obras centrais da mostra. A instalação,

composta por 24 esculturas de pés em bronze adornados com galhos, evoca a conexão de Obá com sua terra natal. Também faz referência à grandiosidade cíclica das árvores que passam por fases de floração, frutificação, estiagem e seca, marcações temporais características do cerrado.

“É uma obra que se relaciona com a resistência, mas também com a forma como o Cerrado se renova após períodos de seca e queimadas, voltando ao verde com a primeira chuva”, descreve o artista. *“Ka'apora reflete a própria natureza e como a resistência pode ser incorporada à experiência humana, renovando-se constantemente”*, completa.

A curadora Fabiana Lopes explica que *Ka'apora* se conecta diretamente com o filme *Encantado*, inédito

no Brasil, e que marca o retorno de Obá à linguagem de performance. *Encantado* convida o público a refletir sobre símbolos e rituais, principalmente aqueles ligados a práticas espirituais e religiosas. O artista se inspira na figura do peregrino – aquele que caminha para cumprir uma promessa – e transforma essa jornada em uma experiência visual e sensorial.

DIÁLOGO COM A MATERIALIDADE DA TERRA

A mostra amplia a evocação do Cerrado e seus elementos simbólicos por meio das obras do artista convidado, o mineiro Marcos Siqueira. Natural da Serra do Cipó, ele faz seu trabalho a partir da terra, tanto no aspecto material – criando seus próprios pigmentos a partir do solo – quanto no universo poético que envolve seus personagens. Suas obras expandem os sentidos da exposição, criando um campo de investigação que entrelaça matéria e lirismo.

Durante a temporada no Rio de Janeiro, *Finca-pé: estórias da terra* contará com uma programação educativa e encontros com o público, incluindo uma conversa especial entre Antonio Obá e Fabiana Lopes, no dia da abertura da exposição – ingressos devem ser retirados na bilheteria física do CCBB ou por meio do site.

A exposição tem patrocínio do Banco do Brasil, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura. A realização é do Ministério da Cultura e do Centro Cultural Banco do Brasil, com produção da Magnólia Produtos e Artefatos Culturais.

SERVIÇO

Finca-pé: estórias da terra, de Antonio Obá

De 12 de março a 2 de junho

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

R. Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Contato: (21) 3808-2020 / ccbbrio@bb.com.br

Dias/Horários: de quarta a segunda, das 09h às 20h
(fecha às terças)

Ingressos e mais informações: bb.com.br/cultura

Entrada gratuita



Composição adâmica para uma feitura de cabeça (homenagem a Grace Salomé Kwami), 2025 Foto: Lino Valente



Zanele Muholi,
cortesia Yancey
Richardson,
Nova York

BELEZA VALENTE NO IMS PAULISTA
Primeira exposição individual de Zanele Muholi
no Brasil traz obras que celebram a beleza
da comunidade negra LGBTQIAPN+

“Eu uso a fotografia para confrontar e curar, por isso me denomino ativista visual”. Assim, Zanele Muholi (1972, Umlazi, África do Sul) descreve sua trajetória, na qual arte e política são inseparáveis. Em *Beleza Valente* são exibidas mais de 100 obras concebidas desde os anos 2000 até hoje, incluindo trabalhos inéditos produzidos recentemente no Brasil. A mostra traça um panorama da produção de Muholi, cuja obra funde arte e ativismo em prol de sua comunidade. A curadoria é assinada por Daniele Queiroz, Thyago Nogueira e Ana Paula Vitorio.

Muholi nasceu em 1972, em Umlazi, Durban, durante o regime do apartheid na África do Sul. O fim do apartheid e a nova Constituição, implementada por Nelson Mandela em 1996 – que proibiu a discriminação racial, sexual e de gênero –, não foram suficientes para deter o racismo, o preconceito e os crimes de ódio. A fim de lutar contra essa realidade, Muholi estudou fotografia e passou a fazer reportagens que expunham episódios de violência. Em 2004, seu trabalho ganhou atenção nacional. Com o passar do tempo, trocou as fotografias de denúncia por retratos e autorretratos, criando um vasto arquivo de imagens que confrontam e subvertem os olhares e narrativas coloniais.

O conjunto de trabalhos selecionados para a mostra inclui fotografias, vídeos e pinturas, além da escultura de bronze *A portadora das águas (Mmotshola Metsi)*, de 2023. São apresentadas suas principais séries, como *Faces e fases (Faces and Phases)*, *Somnyama Ngonyama* e *Bravas belezas (Brave Beauties)*. A exposição traz



Da série *Brave Beauties*

Foto: Site Tate Modern / Reprodução

também obras inéditas feitas no Brasil em 2024, quando Muholi veio a São Paulo para participar do Festival ZUM e conheceu organizações e instituições LGBTQIAPN+, num diálogo entre a história da luta por direitos no seu país e no contexto brasileiro.

“Tudo o que eu quero ver é apenas a beleza. E beleza não significa que você tenha que sorrir, mostrar os dentes ou se esforçar mais. Basta existir”, afirma Muholi. O título da retrospectiva – *Beleza valente* – evidencia que, na obra de Muholi, a beleza é uma forma de luta e afirmação em oposição à violência contra pessoas negras LGBTQIAPN+. Sobre essa característica central do trabalho, a curadoria comenta: “*Identificada como uma pessoa de gênero não binário, Muholi constrói fotografias que desmontam os padrões de masculino e feminino em busca de liberdade e fluidez. Seu trabalho valoriza a beleza comum, cotidiana e comunitária, transformada em experiência extraordinária. Sua luta por justiça e dignidade engrandece todas as pessoas.*”

Muitas das séries de Muholi são fruto de um envolvimento com as pessoas fotografadas, buscando retratá-las com suas roupas e poses preferidas, em situações que valorizem sua imagem e aparência. Muholi evita o olhar objetificante, que marca grande parte da história da fotografia, em especial o registro de pessoas negras. Com isso, cria um grande álbum dessa família escondida, um arquivo de fotografias de pessoas que historicamente foram excluídas das representações oficiais.

A formação desse conjunto de registros, da documentação da história de sua comunidade, é essencial na atuação de Muholi, pontua Daniele Queiroz: “*Muholi ainda luta diariamente pelo reconhecimento desse sólido arquivo da comunidade negra e LGBTQIAPN+ e da relevância de fazê-lo perdurar na história, por meio de fotografias, exposições e publicações. Nomear e arquivar se tornam maneiras de sobreviver à morte física e, não*



Da série *Somnyama Ngonyama*

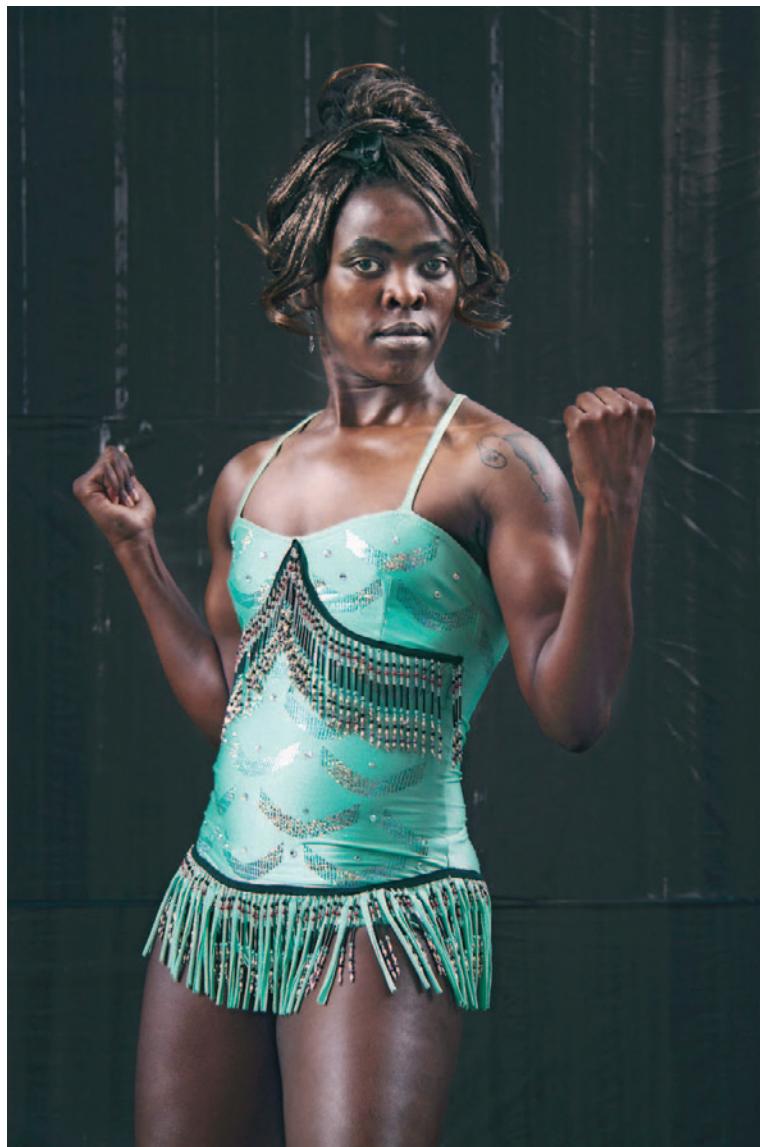
Foto: Reprodução

menos importante, resistir à morte simbólica, psicológica e intelectual que o sistema patriarcal branco e heterossexual tenta insistentemente imputar à comunidade.”

Exibida no 6º andar do IMS, a mostra pode ser percorrida por diferentes caminhos. Na entrada, o público se depara com uma imagem ampliada de *Somnyama Ngonyama*, uma das principais séries de Muholi, iniciada em 2012 e ainda em construção. Em autorretratos tirados em diversas cidades do mundo, Muholi aparece usando objetos rotineiros, como cobertores, almofadas e cinzeiros, que remetem a contextos sociais e políticos da história sul-africana e dos países por onde passa. Em zulu, língua materna de Muholi, “*Ngonyama*” significa “leão/leoa”. A palavra também nomeia o clã de sua mãe, Bester, que trabalhou durante toda a vida como empregada doméstica para famílias brancas sul-africanas. No trabalho, Muholi saúda sua mãe e sua ancestralidade.

Em outra foto da mesma série, Muholi veste pneus de bicicleta vazios. Símbolo da resistência negra nas townships sul-africanas, as bicicletas eram um meio de locomoção importante para as populações não brancas durante o apartheid, em razão do transporte público limitado. Nas fotografias, Muholi incorpora personagens distintas, com frequência em posição de encarar quem observa, em imagens que tratam de traumas individuais e coletivos, mas que também criticam a fotografia colonial e positivista, reivindicando e criando novos imaginários, como afirma Ana Paula Vitorio: “*Muholi, em cada um desses autorretratos, comunica sarcasmo, raiva, valentia, dor, vulnerabilidade, questionamento e muitas outras coisas. Essa é uma interpretação que pode variar de acordo com a imagem, com as circunstâncias e com quem observa cada uma dessas fotografias. Algo indiscutível, entretanto, é que, em todos esses casos, e em dezenas de outros da série, Muholi nos olha nos olhos e sustenta esse olhar.*”

Somnyama Ngonyama traz agora fotos feitas por Muholi durante sua residência artística em São Paulo, exibidas pela primeira vez nesta retrospectiva. Outros trabalhos consagrados, as séries *Bravas belezas* (*Brave Beauties*) e *Faces e fases* (*Faces and Fases*) também incluem fotografias feitas no Brasil. Em *Bravas belezas*, iniciada em 2013, Muholi criou um contraponto aos concursos tradicionais de beleza feminina, fotografando participantes do concurso Miss Gay RSA. A série se expandiu e inclui dezenas de retratos posados, muitos deles em preto e branco. Exibindo o corpo inteiro, ou meio corpo, as pessoas participantes são convidadas a posar da maneira como se veem mais bonitas.



Miss Lésbica VII, Amsterdã, Países Baixos, 2009
© Zanele Muholi, cortesia Yancey Richardson, Nova York

O mesmo processo, de convidar cada participante a escolher a forma como deseja aparecer nas fotografias, orienta a série *Faces e fases* (*Faces and Fases*), a mais conhecida de Muholi, iniciada em 2006 e também em construção. O projeto reúne centenas de retratos de



Apinda Mpako e Ayanda Magudulela, Parktown, Joanesburgo, África do Sul, 2007 © Zanele Muholi, cortesia Yancey Richardson, Nova York

pessoas negras lésbicas, não binárias e transgêneros masculinos, construindo um recorte específico dentro da própria comunidade. As *faces* são a imagem que

cada participante deseja produzir de si, muitas vezes em várias fotografias feitas ao longo de anos; as *fases* registram o transcorrer do tempo.

O artista iniciou *Faces e fases* para construir um arquivo da comunidade LGBTQIAPN+ sul-africana, registrando também suas próprias faces e fases. “*Repetidas ao longo dos anos, suas fotografias também permitem narrar as transformações individuais e os processos de afirmação de gênero de cada indivíduo, construindo a memória pessoal com a qual pavimenta a história coletiva. Cada retrato é o elo de uma corrente, mais sólida e articulada que a soma individual das partes*”, afirma Thyago Nogueira.

Na retrospectiva, o público encontra também trabalhos do início da carreira de Muholi, como *Apenas meio quadro* (*Only Half the Picture*), série realizada de 2002 a 2006, que documenta pessoas que sofreram violência de gênero ou racial, como agressões e estupros “corretivos”. Nos registros, Muholi fotografa as vítimas com afeto e delicadeza; o enquadramento expõe as cicatrizes, mas protege as identidades. Também produzida no começo da carreira, a série *Ser (Being)*, registra casais de mulheres lésbicas negras sul-africanas em espaços privados, compartilhando momentos de intimidade.

A exposição traz ainda trabalhos como *Miss Lésbica* (*Miss Lesbian*), em que Muholi encena sua participação em um concurso de beleza, e *Beulahs* (*Bonitas*), com retratos coloridos, que contrastam com o rigor compõsitivo e o preto e branco de parte de suas séries. Também é exibida uma cronologia da vida do artista, da luta por direitos na África do Sul, da história do movimento LGBTQIAPN+ no Brasil, produzida pelo Museu da Diversidade Sexual, além de um documentário dirigido por Muholi, entrevistas e livros.

MAIS SOBRE ZANELE MUHOLI

Zanele Muholi (Umlazi, África do Sul, 1972) é artista e ativista visual. Publicou os livros *Faces and Phases* (2014), *Somnyama Ngonyama, v.1 e 2* (2018/2024), entre outros, além de *Fundoulnkanyso*, um portal de mídia visual queer. Participou da Documenta 13 (2012), em Kassel, da 55ª Bienal de Veneza (2013) e da 29ª Bienal Internacional de Arte de São Paulo (2010). Em 2016, foi capa da ZUM #11, revista de fotografia do IMS.

SERVIÇO

Zanele Muholi: Beleza valente

Até 23 de junho

IMS Paulista – 6º andar

Avenida Paulista, 2424, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2842-9120

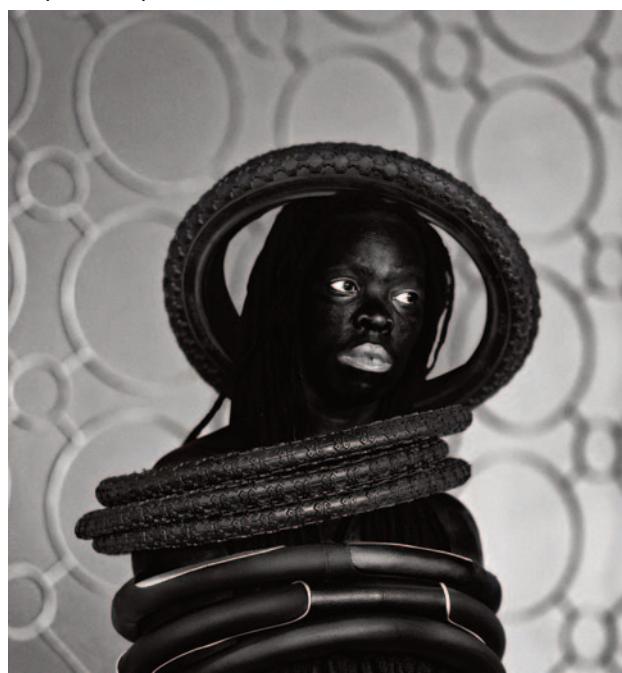
Dias/Horários: terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h

Entrada gratuita

A exposição conta com recursos de acessibilidade, como pranchas táteis, audiodescrição e legendas

Ziphelele, parktown, 2016

Foto: Reprodução



DANÇA EM TRÂNSITO 2025

O Centro Cultural Espaço Tápias no Rio de Janeiro abre o 1º Circuito do Festival Dança em Trânsito de 2025 com música: o grupo Elas do Surdo se apresenta na estreia do Palco Carioca Carlos Laerte, celebrando o Dia Internacional da Mulher – 8 de março



Grupo Elas do Surdo

Foto: Divulgação



Cia. Regina Miranda & Atores Bailarinos, *Rastros e Retornos*
Foto: Carol Pires

Pela primeira vez na história do Projeto Palco Carioca Carlos Laerte, o Centro Cultural Espaço Tápias no Rio de Janeiro abre o circuito do Festival Dança em Trânsito com um grupo de música só de mulheres: *Elas do Surdo*, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher – 8 de março.

Com 23 anos de história, o Festival Dança em Trânsito segue celebrando a arte do movimento, promovendo apresentações, formações, capacitações, reflexões e intercâmbios entre grupos de dança, em diversas cidades do Brasil e ao redor do mundo. Na edição de 2025, o festival atravessará as cinco regiões brasileiras e cidades internacionais, levando a sua essência de conexão e transformação cultural.

O primeiro circuito acontecerá no Rio de Janeiro, ocupando o Centro Cultural Espaço Tápias, nos meses de março e abril, com o projeto “Palco Carioca Carlos Laerte”. Aos sábados e domingos, artistas e companhias de dança estarão em destaque, oferecendo diversas ações e espetáculos na Sala Maria Thereza Tápias. Na programação, no Dia Internacional da Mulher, 8 de março, o grupo *Elas do Surdo*; nos dias 15 e 16, Ação



Cia. Urbana de Dança, *Na Pista*

Foto: Renato Mangolin

Dança em Foco. A Cia. Regina Miranda & Atores Bailarinos vai apresentar “*Rastros e Retornos*”, nos dias 22 e 23; e fechando o mês de março, dias 29 e 30, o destaque será a Companhia Urbana de Dança com “*Na Pista*”.

Em abril, a Cia Gente/Paulo Azevedo vai levar ao Palco Carioca “*The Wall – O Lado B do Muro*”, nos dias 5 e 6; o Grupo Tápias Companhia de Dança se apresenta no Centro Cultural em 12 e 13, com “*Ziraldo – O Mineiro Maluquinho*”, para os pequenos. Fechando o circuito, nos dias 26 e 27/4, Conversa Experimental com Marcia Milhazes e Maria Alice Poppe que apresentarão “*Celeste*”.

“É uma alegria imensa celebrar mais um ano do Dança em Trânsito, festival que atravessa tantas regiões Brasil. Receber companhias tão diversas e inspiradoras é um privilégio, assim como ver o Espaço Tápias renovado, iniciando as ações da ocupação da Sala Maria Teresa Tápias ao longo do ano. Um ciclo que se renova com arte, movimento e muita emoção”, ressalta Giselle Tápias, idealizadora do Festival Dança em Trânsito.

SOBRE O GRUPO “ELAS DO SURDO”

União, transformação e inspiração é a tríade que o

grupo “*Elas do Surdo*” vai apresentar na primeira semana do Palco Carlos Laerte. Formado em 2024, nasceu da reunião de mulheres que compartilham a paixão pelo surdo – instrumento de bateria e percussão muito popular que é bastante usado nas escolas de samba e bandas de carnaval.

Nas apresentações, o grupo propõe parcerias com convidados especiais que cantam e tocam outros instrumentos. O Grupo é formado por Fernanda Sabino (regência e Surdo de 3ª), Carol Cardoso (cantora), Leila Campos (Surdo de 1ª), Fabi Sossae e Rosângela Santos (Surdos de 2ª), Jacqueline Tápias Bonelli, Mara Rubia Tavares, Priscila Timoner, Renata França e Teresa Pastore (Surdos de 3ª), Vanessa (cavaquinho) e Júnior (Caixa). A produção, direção e repique ficam a cargo de Robertinho.

PROGRAMAÇÃO

8/3 – Elas do Surdo

15/3 e 16/3 – Ação Dança em Foco

22/3 e 23/3 – Cia. Regina Miranda & Atores Bailarinos
– *Rastros e Retornos*

29/3 e 30/3 – Companhia Urbana de Dança – *Na Pista*

5/4 e 6/4 – Cia Gente/Paulo Azevedo – *The Wall – O Lado B do Muro*

12/4 e 13/4 – Grupo Tápias Companhia de Dança – *Ziraldo, O Mineiro Maluquinho*

26/4 e 27/4 – Conversa experimental – Marcia Milhazes e Maria Alice Poppe – *Celeste*

Patrocínio ao Dança em Trânsito:

O Dança em Trânsito tem patrocínio master do Instituto Cultural Vale, patrocínio da Volkswagen Caminhões e Ônibus e Engie Brasil. É realizado com o apoio da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

SERVIÇO

Dança em Trânsito – Palco Carioca Carlos Laerte

De 8/3 a 27/4 de abril (sábados e domingos)
exceto nos dias 19 e 20 de abril

Centro Cultural Espaço Tápias – Sala Maria Thereza Tápias
Rua Armando Lombardi, 175, Barra da Tijuca, Rio de Janeiro / RJ

Abertura: Elas do Surdo – 8 de março, 16h

Classificação etária: Livre | Duração: 60 minutos

Ingressos:

Temporada – R\$ 40,00 inteira, R\$ 20,00 meia-entrada

Na bilheteria ou pelo Sympla:

<https://www.sympla.com.br/produtor/espacotapias>



Em cima:
Cia. Gente/Paulo
Azevedo, *The Wall*
– *O Lado B do Muro*
Foto: Romeu Assunção;

Ao lado:
Grupo Tápias
Companhia de
Dança, *Ziraldo – O
Mineiro Maluquinho*
Foto: Divulgação



Vagabundus

Foto: Mariano Silva

10^a edição da Mostra Internacional de Teatro de São Paulo – MITsp

Um dos principais eventos de artes cênicas do país, a MITsp acontece de 13 a 23 de março e traz espetáculos com temas que questionam o olhar para o envelhecimento, perdas, migrações, violência, entre outros. A Mostra contempla a participação de artistas nacionais e internacionais nas atividades de seus quatro eixos principais: Mostra de Espetáculos, Ações Pedagógicas, Olhares Críticos e MITbr – Plataforma Brasil

O espetáculo *Vagabundus*, de Idio Chichava – com inspiração no ritual de dança do povo Makonde, que vive em Moçambique e países vizinhos – faz a abertura da 10ª edição da *Mostra Internacional de Teatro de São Paulo*, dia 13 de março, no Teatro do Sesi. O evento será realizado até o dia 23 de março em diversos espaços e teatros da cidade de São Paulo.

Ao celebrar a décima edição, os idealizadores da Mostra, Antonio Araujo (diretor artístico) e Guilherme Marques (diretor geral de produção) mantêm o propósito de trazer ao público obras com temas e linguagens inovadores e provocativos, apesar das dificuldades enfrentadas para a realização do evento, que este ano não conseguiu chegar a patamares anteriores. “Só conseguimos trazer cerca de 180 obras, de meia centena de países, e quase 350 programadores de diversas nacionalidades porque acreditamos que São Paulo merece um lugar de destaque no mapa das artes cênicas. E agradecemos aos parceiros que permanecem ao nosso lado desde a primeira edição, como Itaú, Sesc SP e Secretaria Municipal de Cultura”, dizem Antonio e Guilherme. A direção institucional do evento é assinada pelo ator e gestor cultural Rafael Steinhauser.

ESPETÁCULOS INTERNACIONAIS

Os espetáculos trazem olhares sobre envelhecimento, perdas, desejos, migração e resistência. Com artistas reconhecidos em suas linguagens e trabalhos inéditos no Brasil, o teatro, a dança e a performance ocupam a cena nos espetáculos selecionados, alguns combinados à música.

A Artista em Foco deste ano é a coreógrafa e performer Nora Chipaumire, nascida no Zimbábue. Vencedora de quatro prêmios Bessie e do prêmio Trisha Mckenzie Memorial, a artista apresenta dois trabalhos: *Dambudzo*, instalação inspirada pelos significados literais e filosóficos da palavra dambudzo – “problema” em uma língua bantu – e o work in progress *acontinua* – um obituário, um manual para uma vida vivida perseguindo a VIDA, feito a partir de um convite da MITsp.



Nora Chipaumire, *acontinua*

Foto: Marie Staggat

Mohamed El Khatib retorna à Mostra com *A Vida Secreta dos Velhos*, trabalho com oito idosos em cena, não-atores e moradores de casas de repouso, a maioria octogenários e nonagenários. O trabalho questiona se o envelhecimento marca o fim do desejo sexual e desafia ideias formadas ao longo dos anos sobre a terceira idade.

O coreógrafo moçambicano Idio Chichava traz para esta edição *Vagabundus*, com inspiração no ritual de dança do povo Makonde, que vive em Moçambique e países vizinhos. Os treze performers dançam e cantam músicas tradicionais e contemporâneas de seu país para abordar os processos migratórios e seus múltiplos significados pelo prisma do corpo.

Da América do Sul, *Gaivota*, do diretor argentino Guillermo Cacace, que vem conquistando críticas importantes com sua livre adaptação do dramaturgo Juan Ignacio Fernández para a obra do russo Anton Tchekhov (1860-1904). Em cena, cinco atores revelam de forma íntima histórias de amores não correspondidos, de sonhos que se despedaçam ao serem realizados e dores que se acumulam.

HOMENAGEM

Este ano, a Mostra Internacional de Teatro de São Paulo homenageia o multiartista brasileiro Antonio Nóbrega. Nascido no Recife, ele integrou, a convite do escritor e dramaturgo Ariano Suassuna (1927-2014), o grupo de música instrumental Quinteto Armorial. Ao longo de sua carreira, recebeu diversos prêmios, como o Shell de Teatro, o APCA e o Conrado Wessel. Em 1992, fun-

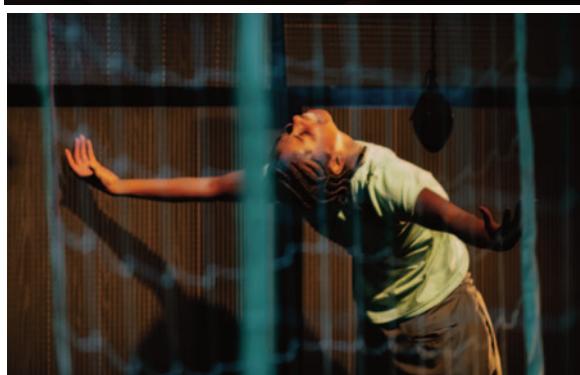
dou o Instituto Brincante ao lado da esposa, a atriz e bailarina Rosane Almeida. Nesta edição, apresenta *Mestiço Florilégio*, trabalho multidisciplinar assinado por ambos, que reúne canções, interpretações instrumentais, cenas teatrais, cinematografia e coreografias criadas e interpretadas pela dupla ao longo de 40 anos dedicados à cultura popular brasileira.



Antonio Nóbrega e Rosane Almeida, *Mestiço Florilégio*
Foto: Fabio Alcover

MITbr – PLATAFORMA BRASIL

Criada em 2018 como um dos eixos da mostra, a MITbr – Plataforma Brasil promove a internacionalização das artes cênicas brasileiras. Este ano, Ave Terrena, Kenia Dias e Jay Pather, que assinam a curadoria, selecionaram os seguintes trabalhos: *Repertório nº 3*, de Davi Pontes e Wallace Ferreira (RJ); *Baculejo*, do Coletivo Riddims | Encante Território Criativo (CE); *Quadra 16*, de Cris Moreira (MG); *Parto Pavilhão*, de Aysha Nascimento, JhonnySalaberg e Naruna Costa; e *Graça*, do grupo Girandança (RN).



Wallace Ferreira será o Artista em Foco desta edição. Também conhecida como Patfudyda, é coreógrafa, performer e artista visual. Formada pela Escola Livre de Artes da Maré e pela EAV Parque Lage, venceu os prêmios Im Puls Tanz – Prêmio Jovens Coreógrafos (2022) e FOCO ArtRio (2024).

GRUPOS CONVIDADOS

Dois trabalhos convidados fazem parte da mostra periférica: *tReta*, uma invasão performática, do Original BomberCrew (PI) e *Reset Brasil*, do grupo Estopô Balaio (SP).

PERFORMANCE CONVIDADA

Cosmopercepções da Floresta – um encontro das culturas indígenas na Amazônia (Tukano e Uitoto), Mata Atlântica (Tupinambá, Guarani e Maxacali) e território Sápmi na Finlândia (Sami), a partir do corpo e da música. O trabalho é de João Paulo Lima Barreto, Sandra Nanayna, Larissa Ye'padiho Mota Duarte (Tukano), Anita Ekman e Renata Tupinambá, em colaboração com Sunna Nousuniemi.

ESTREIA NACIONAL

Réquiem SP, do coreógrafo Alejandro Ahmed, apresenta o Balé da Cidade de São Paulo, companhia do qual é diretor artístico, em parceria com Theatro Municipal, a Orquestra Sinfônica Municipal e o Coral Paulistano, sob regência de Maíra Ferreira, com composições do romeno György Ligeti e do músico eletrônico canadense Venetian Snares (Aeron Funk).

De cima para baixo:

Repertório nº 3, Foto: Fe Avilla; *Baculejo*, Foto: Tiago Matine;

Quadra 16, Foto: Tati Motta Fotografia; *Parto Pavilhão*, Foto: Noelia Nájera; *Graça*, Foto: Brunno Martins

AÇÕES PEDAGÓGICAS E OLHARES CRÍTICOS

Oficinas, rodas de conversa e trocas de experiências realizadas de forma gratuita para o público. Curadoria: Alexandra G. Dumas, professora e pesquisadora em Teatro, e Helena Vieira, pesquisadora, transfeminista e escritora.

CARTOGRAFIAS

catálogo com cerca de 300 páginas, cujo conteúdo traz

ensaços, entrevistas e artigos de pensadores/as, artistas e acadêmicos/as sobre cena teatral. A edição é do jornalista, professor e pesquisador da ECA-USP Fernando Martins.

SERVIÇO

MITsp – Mostra Internacional de Teatro de São Paulo

10ª Edição

13 a 23 de março

Ingressos e programação completa no site www.mitsp.org

Balé da Cidade de São Paulo, *Réquiem SP*

Foto: João Peralta



Arte

Cultura

Gastronomia
& Bebidas

Turismo

Comportamento

*Aqui você só encontra
notícias boas*

OXIGÊNIO
revista

Seus clientes
ou sua empresa
têm boas notícias
para dar?

Então o lugar é aqui.
ANUNCIE.
Solicite nosso Mídia Kit.

oxigeniorevistab@gmail.com
(21) 3807-6497 / 97326-6868